



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MATEUS BEZERRA FERNANDES

**ENTRE LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE: A METÁFORA DO MEDO EM MEMES
SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS NO BRASIL**

MOSSORÓ

2021

MATEUS BEZERRA FERNANDES

ENTRE LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE: A METÁFORA DO MEDO EM MEMES
SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS NO BRASIL

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Edmar Peixoto de Lima

MOSSORÓ

2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

F363e Fernandes, Mateus Bezerra

Entre linguística e psicanálise: a metáfora do medo em memes sobre o novo coronavírus no Brasil.

/ Mateus Bezerra Fernandes. - Mossoró, 2021.

85p.

Orientador(a): Profa. Dra. Edmar Peixoto de Lima.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Linguística. 2. Psicanálise. 3. Metáfora. 4. Medo. 5. Meme. I. Lima, Edmar Peixoto de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

MATEUS BEZERRA FERNANDES

ENTRE LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE: A METÁFORA DO MEDO EM MEMES
SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS NO BRASIL

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em 15/05/2021.

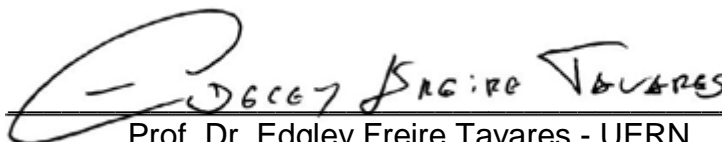
Banca Examinadora



Profa. Dra. Edmar Peixoto de Lima - UERN
Orientadora



Profa. Ma. Ana Maria de Carvalho - UERN
Examinadora



Prof. Dr. Edgley Freire Tavares - UERN
Examinador



Prof. Dr. José Roberto Alves Barbosa - UERN
Examinador

Dedico este trabalho a todos nós, que vivenciamos uma das maiores tragédias sanitárias da história da humanidade. “Vidas humanas importam!”

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por indicar o caminho e conceder força e sabedoria necessárias para trilhar minha caminhada.

Ao meu núcleo familiar, pelo total suporte, amor e carinho sempre oferecidos a mim a qualquer momento da vida.

À orientadora, amiga e mãe acadêmica que a Universidade me concedeu, professora doutora Edmar Peixoto de Lima, por aceitar o desafio de construir o presente trabalho junto comigo, materializando em pessoa o significado de “luz no fim do túnel”.

Ao professor doutor Edgley Freire Tavares, pelas incomensuráveis interlocuções proporcionadas ao longo desta inédita produção, sendo uma parceria que muito norteou os caminhos, auxiliando de maneira significativa na sustentação teórica desta monografia.

À professora mestra Ana Maria de Carvalho, por ser a primeira a incentivar, instigar e contribuir decisivamente para a escolha da temática desta investigação.

Ao doutor e pesquisador Gilberto de Oliveira Silva, por influenciar de modo determinante na idealização da proposta desta pesquisa – por meio dos encontros do grupo de estudo por ele coordenado - e na minha escolha em aprofundar os conhecimentos sobre Linguagem e Psicanálise.

Ao professor mestre Marcos Paulo de Azevedo, por fazer parte da caminhada trilhada por nós nesta monografia, ofertando dicas e orientações pontuais que foram de fundamental importância na elaboração e consolidação desta pesquisa.

Ao professor doutor José Roberto Alves Barbosa, por aceitar ser membro da banca examinadora e, principalmente, em compartilhar saberes e o mesmo interesse em aprofundar os conhecimentos a respeito da relação entre Linguística e Psicanálise.

À Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e à Faculdade de Letras e Artes (FALA), por fornecerem uma infraestrutura adequada para a prática científica.

Aos colegas de turma, por possibilitarem-me aprendizados que me fizeram evoluir tanto como acadêmico, quanto como pessoa.

“É regra velha, creio eu, ou fica sendo nova, que só se faz bem o que se faz com amor.” (Machado de Assis)

RESUMO

Os estudos sobre a Linguagem possibilitam um campo profícuo de interlocuções, pois investigam como o sujeito é capaz de utilizar a língua para diversos fins, desde a simples troca de informações à representação simbólica do ser. As análises empreendidas por Ferdinand de Saussure (2012), compiladas no *Curso de Linguística Geral*, subsidiaram inúmeros estudos posteriores a essa obra de referência, principalmente no que diz respeito ao signo linguístico. Entre a fortuna crítica que se apropriou do signo postulado pelo mestre genebrino está a Psicanálise, mais especificamente os posicionamentos delineados por Jacques Lacan (1998, 2005, 2008), este, por sua vez, pautando-se na reorientação das ideias de outro mestre, Sigmund Freud (2010, 2011a, 2011b, 2014, 2019). Partindo da dicotomia saussureana (significado e significante), Lacan tece análises que modificam a visão tanto da prática psicanalítica iniciada por Freud, quanto do signo estudado por Saussure, ressaltando o significante como principal mote para o entendimento da linguagem simbólica. Essa *supremacia do significante*, como bem afirma o psicanalista francês, é o que permite compreender os motivos do *inconsciente estruturado como uma linguagem*. Essa estrutura tem como principal alicerce as figuras do discurso, a exemplo da metáfora, que constantemente enunciamos em nosso dia a dia sem ao menos nos darmos conta dessa utilização. Os estudos realizados por George Lakoff e Mark Johnson (2002) envolvendo as *Metáforas da vida cotidiana* permitem elucidar como o recurso metafórico é capaz de orientar nossas concepções comuns, e, por meio delas, estruturar os significados que atribuímos a diversas ações rotineiras. Ações essas que, em tempos de pandemia, são bastante intensificadas, principalmente no estímulo à proteção contra o Coronavírus. Ao mesmo tempo em que esse instinto protetivo orienta o uso das metáforas cotidianas, realçam (ou desnudam) o sentimento de medo embutido em cada metáfora, haja vista caracterizar a reação a determinado perigo externo (FREUD, 2014). Como maneira de identificar como se processa o sentimento de medo da COVID-19, encontramos no gênero meme a ferramenta imprescindível de disseminação de sentimentos sobre a pandemia. Recorremos, substancialmente, aos pontos de vista organizados por Viktor Chagas (2020) com intuito de respaldar os estudos sobre esse ascendente gênero. Ora incitando a proteção, ora as consequências que a infecção pelo vírus pode acarretar, o meme representa toda uma comunidade discursiva que mobiliza a linguagem, em seus aspectos verbais e não verbais, com o intuito de agregar opiniões comuns a respeito de determinada temática, no caso, a pandemia do *Coronavírus*. Tendo isso em vista, este trabalho monográfico investiga a metáfora do medo presente em memes sobre a pandemia do novo *Coronavírus* no Brasil, considerando os pressupostos teóricos da Linguística e da Psicanálise, partindo da problemática de como se dá a construção dessa figura para a constituição do sentimento de medo presente nos memes sobre a pandemia da COVID-19 em âmbito nacional. Como resultado, observamos que o medo nos memes é motivado pelo significante que simboliza o momento mais alarmante em cada período da pandemia, seja no recorde do número de infectados, seja no número de mortos.

Palavras-chave: Linguística. Psicanálise. Metáfora. Medo. Meme.

ABSTRACT

The studies on language enable a fruitful field of interlocutions, since they investigate how the subject is able to use the language for several purposes, from the simple exchange of information to the symbolic representation of being. The analyses undertaken by Ferdinand de Saussure (2012), compiled in the *Course in General Linguistics*, have supported numerous further studies to this reference work, especially with regard to the linguistic sign. Among the critical fortune that appropriated the sign postulated by the Geneva master is psychoanalysis, more specifically the positions outlined by Jacques Lacan (1998, 2005, 2008), this one, in turn, based on the reorientation of the ideas of another master, Sigmund Freud (2010, 2011a, 2011b, 2014, 2019). Starting from the saussurean dichotomy (signified and signifier), Lacan weaves analyses that modify the view of both, the psychoanalytic practice initiated by Freud, and the sign studied by Saussure, emphasizing the signifier as the main motivation for the understanding of symbolic language. This Supremacy of signifier as well states the French psychoanalyst is what allow us to understand the motives of the unconscious structured as a language. This frame has as its main foundation the figures of speech, such as the metaphor, which we constantly enunciate in our daily lives without even realizing it. The studies conducted by George Lakoff and Mark Johnson (2002) involving *Metaphors We Live By* allow us to elucidate how the metaphorical resource is capable of guide our common conceptions, and, through them, to structure the meanings that we attribute to various routine actions. Actions that, in times of pandemic, are greatly intensified, especially in the stimulus to protect against the coronavirus. At the same time that this protective instinct guides the use of everyday metaphors, they highlight (or uncover) the feeling of fear embedded in each metaphor, since it characterizes the reaction to a given external danger (Freud, 2014). As a way to identify how the feeling of fear of COVID-19 is processed, we find in the meme genre a essential tool of dissemination of feelings about the pandemic. We substantially resorted to the points of view organized by Viktor Chagas (2020) in order to support the studies on this ascendant genre. Wether inciting protection, or the consequences that the virus infection can bring, the meme represents a whole discourse community that mobilizes the language, in its verbal and non-verbal aspects, in order to aggregate common opinions about a given theme, in this case, the coronavirus pandemic. With this in mind, this monographic work investigates the metaphor of fear present in memes about the pandemic of the new coronavirus in Brazil, considering the theoretical preconditions of linguistics and psychoanalysis, starting from the problematic of how the construction of this figure for the constitution of the feeling of fear present in memes about the pandemic of COVID-19 occurs nationally. As a result, we observed that fear in memes is motivated by the signifier that symbolizes the most serious moment in each period of the pandemic, either in the record number of people infected, or in the number of deaths.

Keywords: Linguistics. Psychoanalysis. Metaphor. Fear. Meme.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Convergências teóricas entre as vertentes voltadas ao signo linguístico.	27
Quadro 2 – Convergências teóricas sobre o símbolo e o significante.....	33
Quadro 3 – Linguística, Psicanálise e Laíngua.....	39
Quadro 4 – Teorias mobilizadas em torno da figura metafórica.....	51
Gráfico 1 – Porcentagens dos memes encontrados.....	62
Meme 1 – A Criação do Álcool em Gel.....	66
Meme 2 – Emojis mascarados.....	68
Meme 3 – O espirro de Monalisa.....	70
Meme 4 – Batman e Robin, em O Coronavírus.....	72
Meme 5 – Coronavírus: "- Eu sou uma piada pra vocês? -".....	75
Quadro 5 – A metáfora do medo em memes sobre o Coronavírus.....	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DA LINGUÍSTICA À PSICANÁLISE: REVISITANDO OS CONCEITOS DE SIGNO LINGUÍSTICO.....	16
2.1 A sistemática saussureana: sobre o signo linguístico.....	17
2.1.2 Os desdobramentos da Semiologia de Saussure.....	21
2.2 A Linguagem na Psicanálise: relação de confluência.....	27
2.2.1 A ciência psicanalítica: Freud e o estudo dos sonhos.....	28
2.2.2 A “nova” Psicanálise: Lacan e a reorientação das ideias freudianas.....	30
2.3 Linguística e Psicanálise: a sucessão do signo saussureano.....	34
3 DOS EFEITOS DO SIGNIFICANTE À METÁFORA DO MEDO	39
3.1 Mecanismos do inconsciente e efeitos do significante.....	43
3.2 Metáfora e sentido: para além do estilo.....	44
3.3 Aspectos teóricos sobre o sentimento de medo.....	47
4 DA CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA AOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	55
4.1 A pesquisa.....	55
4.2 O contexto pandêmico.....	55
4.3 Contextualização do <i>corpus</i>: aspectos do gênero meme.....	58
4.4 Os procedimentos metodológicos.....	60
5 SIGNO, METÁFORA E MEDO EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	65
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	82

1 INTRODUÇÃO

O atual contexto pandêmico propicia uma análise reflexiva a respeito dos estudos sobre a linguagem, pelo fato de possibilitar diferentes posicionamentos discursivos advindos da comunidade. As manifestações políticas e populares, sejam elas defendendo medidas protetivas como o isolamento social ou colocando em descrédito a credibilidade das ciências em nome de ideologias conservadoras, refletem o comportamento do sujeito, a sua reação enquanto ser pensante e desejante (ALMEIDA, 2004). De todo modo, o cidadão expressa sentimentos diversos por meio das práticas de linguagem, sobretudo quando convocado pelas situações polêmicas que permeiam a sociedade.

Por sua vez, como matéria da linguagem, a língua é estruturada, conforme Ferdinand de Saussure e seus discípulos postularam, em um sistema de signos (SAUSSURE, 2012) capaz de estabelecer um elo opositivo entre o que é dito (significante) e sua acepção (significado). Esse recorte feito pelo mestre genebrino em suas aulas e compilado postumamente por seus alunos no célebre *Curso de Linguística Geral*, doravante CLG, permitiu sistematizar o estudo sobre a linguagem, oferecendo pressupostos fundamentais para as diversas linhas de pesquisa posteriores a este.

Uma dessas linhas de investigação que se apropriaram da Linguística saussureana foi a Psicanálise de Jacques Lacan, a qual utilizou o ideário semiótico presente no CLG para respaldar o estudo sobre o inconsciente iniciado por Sigmund Freud. Segundo o psicanalista francês, é por meio da linguagem que refletimos nosso estatuto inconsciente, desvendamos nossa personalidade e retratamos nosso comportamento individual (LACAN, 1998).

Dessarte, esse comportamento individual é potencializado pelo social devido a reverberação que determinado posicionamento pode causar nesse âmbito, impulsionado, por sua vez, pelas redes sociais da internet. Essas plataformas digitais se tornaram verdadeiros veículos de uma comunidade discursiva, podendo ser simbolizado pelo meme¹, termo que, consoante Davison (2020), consiste em um

¹ Apesar de ser um termo de origem estrangeira (como veremos ao longo do trabalho), optamos por normatizar a palavra em língua portuguesa em virtude de já integrar a cultura vernacular brasileira nos meios sociais.

recorte da cultura local, por meio de imagens editadas e remixadas, manifestada através de sua transmissão *online*.

Além de possuírem um caráter, na maioria das vezes, paródico e satírico sobre determinado tema em discussão, os memes também representam o posicionamento de um grupo ou até de uma região inteira na conotação de determinados sentimentos, como o medo, por exemplo. Este, por seu turno, é definido como a reação demonstrada pelo sujeito em decorrência de determinado perigo externo (FREUD, 2014). A pandemia do Coronavírus suscita o medo em diferentes vias, entre essas, citamos: o medo da morte, da falta de perspectiva positiva, da saudade das atividades rotineiras e a possibilidade de não mais ser possível a troca de gestos de carinho.

Como forma de materializar esses sentimentos que o medo inerentemente provoca, figuras de linguagem são mobilizadas pelos produtores dos textos com a finalidade de potencializar os efeitos causados sobre determinado fato. Nesse sentido, encontramos na metáfora um meio de ampliar as concepções de compreensão textual, aliando, para isso, conceitos oriundos da Linguística e da Psicanálise tomando como base a concepção sobre o signo linguístico. A excelência provinda do ideário metafórico nos permite diagnosticar, pelo intermédio dos memes, a reação do sujeito para com a pandemia da COVID-19, haja vista que, de acordo com os estudos de Ricoeur (2015), a metáfora se torna “viva” justamente por se modelar conforme o discurso em que está inserida.

É precisamente por assumir essa instância viva no discurso que os estudos realizados por Lakoff e Johnson (2002) sobre as *Metáforas da vida cotidiana* revelam-se como ponto crucial para estruturar os conceitos metafóricos abordados nesta pesquisa. Na obra em questão, há o rompimento com a antiga tradição retórica sobre as figuras de estilo herdada da filosofia grega, segundo a qual a metáfora exercia uma função puramente decorativa da linguagem, conquistando, agora, valor epistemológico. Segundo os estudiosos, essa figura do discurso assume orientações que organizam nosso sistema conceitual em diversas vias, permitindo-nos apreender vários juízos com os quais orientam nosso pensamento e nossa ação.

Assim sendo, este trabalho intenta contribuir, como convém ao delineamento já consagrado de uma pesquisa científica, com os estudos da linguagem, contemplando a interface entre as áreas da Linguística e da Psicanálise, apresentado em trabalhos como os de Arrivé (1994), Milner (2012), Flores (1999) e Maliska (2010), e reforçado em pesquisas de pós-graduação, no caso de Almeida (2004), que propõe

a denominação da nova Psicanálise como “Psicanálise linguística”, pontuando um mecanismo em comum disponível entre as concepções que compõe as psicanálises pragmática, freudiana e lacaniana: a linguagem; estabelecemos diálogo, também, com os posicionamentos de Costa (2006), que promove uma discussão sobre a compreensão da figura do sujeito enunciativo e sua relação intersubjetiva com o outro, conforme as teorias linguísticas e psicanalíticas; e Rocha (2010), o qual estabelece um vínculo entre sujeito e linguagem como modo de aproximação entre a Linguística e a Psicanálise, sendo importante destacar a análise realizada por esse pesquisador, por meio do gênero conto, dos efeitos causados tanto pelo significante postulado por Lacan, quanto pelo signo defendido por Saussure.

O trabalho de Almeida (2004) contribui para a nossa pesquisa pelo fato de abordar os desdobramentos da área psicanalítica e seu fator em comum: a utilização da linguagem. Já Costa (2006) oferece contributos significativos para a aproximação entre a Linguística e a Psicanálise quando trata dessa relação intersubjetiva mediada pela figura do sujeito. Essa intersubjetividade, em nossa monografia, pautar-se-á nos estudos sobre a metáfora. E Rocha (2010), ao estabelecer um vínculo entre Linguagem e Psicanálise por meio da análise do gênero conto, subsidiou nosso *corpus* da pesquisa, tendo em vista a ascensão de um novo gênero textual: o meme.

Artigos científicos oriundos de alguns profissionais das áreas da Saúde e de Letras também emergem como importantes bases teóricas para o nosso estudo, tais como o de Cristine Lacet (2003), a qual aborda a função da letra e da escrita na clínica psicanalítica, suscitando a questão sobre a importância da palavra como o principal caminho ao inconsciente, de modo a estabelecer uma relação entre o sujeito e a significação; Eduardo Vicenzi (2009), que relaciona as concepções de linguagem estruturalistas e o processo de significação psicanalítico entre seus principais expoentes: Saussure e Lacan, comprovando, assim, a estreita relação entre as duas teorias com base na concepção sobre o signo linguístico que cada uma fornece; e Valéria Lameira (2009), a qual versa sobre a concepção do objeto significante na Psicanálise, analisando que esse objeto é tudo aquilo que impele o sujeito a algo (para o bem ou para o mal), expressado, por sua vez, pelo significante.

Diante dessas perspectivas e considerando as concepções sobre o signo linguístico, propomo-nos o seguinte questionamento: como se dá a construção da metáfora do medo em memes sobre a pandemia da COVID-19 em âmbito nacional? E, como desdobramentos, indagamos: i) de que forma é possível analisar em vias

linguísticas e psicanalíticas o signo e relacioná-lo ao fenômeno metafórico? ii) de que maneira a metáfora aciona o sentimento de medo? iii) como o gênero meme é capaz de representar o medo da pandemia no Brasil?

. Como objetivo geral, pretendemos: investigar a metáfora do medo presente em memes sobre a pandemia do novo Coronavírus no Brasil, considerando os pressupostos teóricos oriundos da Linguística e da Psicanálise. Com esse objetivo, tencionamos apontar os distanciamentos e as aproximações entre essas vertentes teóricas, de modo a aliar as concepções presentes nessas duas importantes áreas do conhecimento que contribuam para a construção de sentidos.

Ademais, este trabalho também objetiva, especificamente; i) relacionar a noção de signo linguístico sob o viés desses dois domínios científicos, considerando, para isso, o fenômeno da metáfora; ii) verificar a construção da metáfora do medo presente nos memes sobre a COVID-19; e iii) explicitar de que maneira o sentimento de medo é utilizado como recurso constitutivo dessa figura discursiva nos memes.

Do ponto de vista metodológico, esta monografia parte da contextualização sobre o momento pandêmico vivenciado no país, relatado em números e apontamentos científicos sobre o Coronavírus, ao processo de discursivização utilizado pela comunidade através das plataformas virtuais, simbolizado, principalmente, pelo gênero meme. O ponto de vista que orienta a abordagem sobre esse gênero figura, neste trabalho, em consonância com a sua trajetória: de aspecto biológico hereditário à representação sociocultural da população.

À vista disso, este trabalho monográfico foi estruturado da seguinte maneira: a seguir, dar-se-á o estudo sobre as relações entre a Linguística e a Psicanálise, tomando como base, para esse intento, as concepções que envolvem a teoria do signo linguístico e do significante. Em sequência, explanamos, em termos linguísticos e psicanalíticos, acerca das questões metafóricas, seguida dos aspectos teóricos que circundam a teoria sobre o sentimento do medo. E, por fim, as análises, partindo da fundamentação contextual e metodológica, respectivamente, sobre a pandemia do Coronavírus no Brasil e o gênero meme, de forma a investigar como a metáfora do medo do novo Coronavírus no Brasil é acionada por esse gênero. Encerrando, assim, com as considerações finais.

Dada a relevância temática proposta por esta pesquisa (principalmente em nível de monografia) e o repertório teórico utilizado a fim de atender aos propósitos da investigação, coube-nos, como bem versa Raul Seixas na canção intitulada “Prelúdio”,

tornar realidade um sonho conjunto. Então, a seguir, já recorrendo à figura metafórica como orientadora de nossas concepções, “tomemos asas” e acompanhe-nos nesse voo.

2 DA LINGUÍSTICA À PSICANÁLISE: REVISITANDO OS CONCEITOS DE SIGNO LINGUÍSTICO

A área de abrangência dos estudos linguísticos não mais se restringe somente às vertentes oriundas da língua, como as análises de aspectos sintáticos, semânticos e fonético-fonológicos. O sujeito da enunciação emerge como importante figura partícipe do processo enunciativo, sobretudo pelo fato de materializar uma unidade da língua, ou seja, por meio da linguagem, podemos identificar uma realidade objetiva inerente ao “[...] conjunto dos fenômenos sociais que constituem a cultura” (BENVENISTE, 1995, p. 47).

Como bem afirma Longo (2006, p. 7, grifo da autora) “a linguagem humana é o termo *entre* o eu e o outro. [...] Não há nada no mundo que não participe da linguagem: a realidade se expressa na palavra e só existe na medida em que possa dizê-la”. Isto é, a enunciação não significa somente a realização da língua pelo sujeito, mas sim a identificação deste como indivíduo atravessado por discursos capazes de ressignificar sua maneira de pensar/sentir o mundo.

Esse processo de ressignificação do sujeito pela linguagem passa por intermédio do principal objeto de estudo da ciência linguística ao longo dos séculos: a língua. Como se verá na seção subsequente, a partir da sistematização da língua elaborada por Ferdinand de Saussure e transcrita por alguns dos seus alunos (e posteriormente discípulos), Charles Bally e Albert Sechehaye, derivadas das suas aulas de Linguística Geral ministradas entre os anos de 1907 a 1911 na Universidade local, o mestre de Genebra postulou princípios que modificaram profundamente o pensar na ciência, principalmente ao delimitar o objeto de estudo. Isso atingiu diretamente não só as estruturas da linguagem, mas o propósito das ciências humanas, e, também, naturais.

Diversos são os linguistas que deram prosseguimento aos fecundos estudos saussureanos, formando redes de adeptos nas quais o pensamento do mestre suíço era o principal ponto de partida para as suas discussões (CARVALHO, 2013), como a Escola de Genebra – liderada pelos discípulos Bally e Sechehaye -, a Escola Fonológica de Praga, cujo principal expoente foi Roman Jakobson, a Escola Funcionalista de Paris, tendo como um dos destaques Émile Benveniste, e a Escola de Copenhague, encabeçada por Louis Hjelmslev.

Essas escolas muito contribuíram para solidificar os estudos linguístico e ampliar o escopo desse campo para além das ciências humanas (ver subseção 2.1.2), a exemplo da Psicanálise. Contemporâneo de Saussure, Sigmund Freud, anos antes da publicação póstuma do CLG, já redimensionava a linguagem no âmbito clínico, sendo fator preponderante para a inauguração da recém clínica psicanalítica (ver seção 2.2). Esta, por sua vez, e a partir das reorientações fundamentadas por Jacques Lacan, que muito recebeu de influência de linguistas como Benveniste, os quais trocavam correspondências a respeito de questões sobre a linguagem (LACAN, 1998), a semiótica saussureana voltou à pauta, para sustentar seu viés clínico/diagnóstico para a Psicanálise.

Dito isso, neste capítulo, a sequência teórica pautar-se-á em três momentos, quais sejam: a linguagem como sistema coordenado de signos, postulado por Ferdinand de Saussure, e seu consequente desdobramento para os estudos linguísticos posteriores; o despontar da ciência psicanalítica, do seu surgimento – através da simbologia dos sonhos analisado por Sigmund Freud - às novas perspectivas (re)orientadas por Jacques Lacan e a confluência entre os estudos linguísticos e psicanalíticos, tomando como cerne o significante.

2.1 A sistemática saussureana: sobre o signo linguístico

Para conquistar o *status* de ciência que ostenta nos dias de hoje, a Linguística atravessou três fases (CARVALHO, 2013) – as quais não necessariamente obedecem a uma ordem cronológica estática – a saber: a) a fase da gramática lógico-filosófica, direcionada exclusivamente para o uso; b) a fase filológica, que, segundo Saussure (2012, p. 31), tem o propósito de “[...] fixar, interpretar, comentar os textos [...]”, ou seja, o foco consiste em realizar a análise conduzida pelo fator histórico-sociológico de formação de determinado idioma; c) a fase da gramática histórico-comparatista, na qual preocupa-se “[...] em saber *como as línguas evoluem*, e não *como funcionam* [...]” (CARVALHO, 2013, p. 20, grifo do autor), sendo orientada, por sua vez, pelo estudo comparativo de diversas línguas, sejam elas vivas, mortas ou extintas, e o que delas resultaram para os idiomas atuais.

Pautando-se nos estudos envolvendo as línguas românica e germânica, as quais consolidaram a Linguística como área de atuação (SAUSSURE, 2012), até o ápice das análises sobre o sânscrito, o alcance desse emergente domínio científico

estava a par de uma série de fatores – a exemplo das fases listadas acima – aos quais, ao mesmo tempo que alavancaram os conhecimentos sobre a disciplina, dificultavam sua definitiva afirmação como ciência pelo fato de não se estabelecer um objeto definido de estudo, que ora era voltada para a *práxis*, ora para o texto, ora para a evolução do idioma.

De modo a categorizar e definir a matéria da Linguística, para assim facilitar sua ascensão definitiva como ciência, o mestre genebrino aliou o objeto de todas as fases (filosófica, filológica e histórico-comparatista) até então em evidência, afirmando que

a matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão (SAUSSURE, 2012, p. 37).

A partir dessa junção, Saussure considerou a linguagem em si como o epicentro de toda a difusão de estudos linguísticos que ocorreram até o momento. Tomando como base esse princípio, o pesquisador suíço definiu três tarefas com as quais a Linguística necessita seguir para, enfim, delinear a sua área de atuação (SAUSSURE, 2012, p. 37): i) descrever historicamente a língua; ii) deduzir leis universais que regem o funcionamento da língua; e iii) “delimitar e definir a si mesma”.

Ao estabelecer esse ordenamento criterioso da Linguística, o mestre de Genebra, como bem afirma Carvalho (2013, p. 26), pôde “[...] criar e postular suas teorias com perfeição científica [...]”, impondo, para isso, “[...] um trabalho metodológico preliminar”. É justamente a partir desse rigor metodológico que Saussure define o objeto central dos estudos linguísticos: a língua.

Partindo da marcante frase na qual afirmava que “bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2012, p. 39), o mestre suíço municia o fenômeno linguístico que viria, mais a frente, a postular como uma entidade opositiva de duas faces (o signo). Antes disso, Saussure (2012, p. 41), enfim, define a língua como “[...] um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir essa faculdade nos indivíduos”, sendo ela “[...] multiforme e heteróclita”. Ou seja, é a partir das convenções sociais que comumente alteram a forma da língua – por isso, ela ser multiforme e heteróclita - com o passar dos séculos,

estabelecidas pelo meio, que o indivíduo a apreende e é capaz de emitir e fazer uso desse fato de linguagem.

Contudo, por essa apreensão da faculdade da língua ser natural ao ser humano, é necessário perscrutar como ocorre esse processo de articulação do principal objeto da Linguística. Para tanto, a partir do estudo isolado da língua (*langue*), separando-a da fala (*parole*), na qual o pesquisador suíço entende como ato individual derivado do registro da língua - servindo de acessório desta -, Saussure (2012) evidenciou a distinção entre aquilo que ouvimos (aspectos fonético-fonológico), daquilo que pensamos ao ouvir (imagem verbal). Respectivamente, conforme Carvalho (2013), plano de expressão e plano de conteúdo.

Partia-se, dessa forma, ao primeiro passo para a instituição da língua como um sistema de signos “[...] que exprimem ideias” (SAUSSURE, 2012, p. 47). E, assim, o mestre genebrino inaugura a ciência que ele denominou de *Semiologia*, a qual estuda “[...] a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE, 2012, p. 47, Grifo do autor).

A partir das concepções expostas sobre a Semiologia, Saussure definiu a natureza do signo linguístico como a união de um conceito e uma imagem acústica, sendo ambos os elementos “[...] intimamente unidos e um reclama o outro” (SAUSSURE, 2012, p. 107). Posteriormente, esses termos foram substituídos, respectivamente, por significado e significante. Como consequência dessa caracterização dicotômica da língua, o mestre de Genebra postulou os princípios da “Arbitrariedade do Signo”, cuja descrição reside no fato de que “[...] todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou [...] na convenção” (SAUSSURE, 2012, p. 108) e do “Caráter Linear do Significante”, que é a disposição dos significantes acústicos na linha do tempo, demonstrando seu caráter evolutivo.

Por conseguinte, a partir do arbitrário do signo, Saussure assentou as teses sobre a imutabilidade e a mutabilidade do signo linguístico. A primeira diz respeito à língua como “[...] produto de fatores históricos, e são esses fatores que explicam por que o signo é imutável, vale dizer, por que resiste a toda substituição” (SAUSSURE, 2012, p. 112); e a segunda é resumida pelo fato de o signo estar “[...] em condições de alterar-se porque se continua” (SAUSSURE, 2012, p. 115), quer dizer, a língua é suscetível ao fator do tempo pois é manipulado pela coletividade.

Dito isso, é possível discernir as dimensões sincrônica e diacrônica da língua, cuja diferença Saussure (2012, p. 135) sintetiza da seguinte maneira: “[...] se se fala

de lei em sincronia, é no sentido de ordem, de princípio de regularidade. A diacronia supõe, ao contrário, um fator dinâmico, pelo qual um efeito é produzido, uma coisa executada”. Ou seja, enquanto a sincronia analisa o momento instantâneo da língua, a diacronia estuda como ela evoluiu para chegar onde está, de modo a traçar um percurso histórico-fonológico desta, considerando, ainda, que esses aspectos diacrônicos possibilitam compreender o processo de historicização de um evento comunicativo por meio dos discursos enunciados em determinados períodos, que se modulam e adquirem contornos diversificados ao longo do tempo em virtude da pluralidade de interpretações cabíveis a ela.

No que diz respeito à linguística sincrônica, Saussure (2012) analisa o estado de língua tomando como base sua asserção no tempo e no espaço em que é produzida. Para isso, foi necessário definir entidades concretas (a exemplo de uma sequência de sons que portam uma ideia definida em determinada cadeia de fala), e delimitar métodos de exame (como a divisão da cadeia falada em unidades menores). Segundo o pesquisador suíço, esses critérios adotados se tornam de fundamental importância pelo fato de não apresentar a língua

[...] como um conjunto de signos delimitados de antemão, dos quais bastasse estudar as significações e a disposição; é uma massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem encontrar os elementos particulares. A unidade não tem nenhum caráter fônico especial, e a única definição que se pode dar a ela é a seguinte: *uma porção de sonoridade que, com exclusão do que precede e do que segue na cadeia falada, é significante de um certo conceito* (SAUSSURE, 2012, p. 148, grifo do autor).

Quer dizer, o estudo do signo linguístico não é somente o da significação que dele resulta, mas das singularidades pelas quais dele são proporcionadas em decorrência do uso. Logo, um signo não é estático, mas, como bem postula o mestre de Genebra, uma massa amorfa modelada pelo seu constante contato com o hábito, com o social. Disso sucede que “o mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estas mais que a contraparte daquelas” (SAUSSURE, 2012, p. 154).

A partir desse caráter opositivo atribuído ao signo por meio de seu contraste com outro signo, chega-se a um dos principais conceitos formulados por Saussure: o de valor linguístico. Conforme o linguista, é a partir dessa contraposição existente no âmago do signo que a língua se equilibra, dado que “[...] qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (SAUSSURE, 2012, p. 163). Baseado na tese

de que a língua é uma *forma* e não uma *substância*, o mestre genebrino, em suma, define o sistema linguístico como

[...] uma série de diferenças de sons combinadas em uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo (SAUSSURE, 2012, p. 168).

A partir desse vínculo proporcionado pelas diferenças (físicas e psíquicas) identificadas no interior de cada signo linguístico, Saussure (2012) preconizou um sistema de valores baseado numa bipartição, com o intuito de melhor compreender a natureza deste contraste: as relações sintagmáticas e as relações associativas. Esta encerra uma série mnemônica², pautada na associação proporcionada pela memória, aquela representa uma ordem de sucessão dos elementos, exemplificados pela frase.

O signo para Ferdinand de Saussure, então, corresponde a um sistema por meio do qual os falantes da língua operam mecanismos com o pretense intuito de atribuir significação a algo. Essa significação, por sua vez, é intermediada pelo *valor* (linguístico) concedido ao objeto significado de modo a estabelecer uma contraposição a outro objeto já significado. Dessa maneira, a distinção resultante entre dois signos é o que confere valor ao significado final de ambos na cadeia linguística.

As reflexões proporcionadas pelos ideários postulados por Ferdinand de Saussure envolvendo o signo linguístico resultaram na afirmação da Linguística como ciência e, além disso, provocaram inúmeros debates entre os linguistas na tentativa de preencher lacunas que a teoria saussureana não havia contemplado. Entre elas, destacam-se a glossemática de Hjelmslev (1975), o destaque ao código linguístico discutido em Jakobson (1995), e a Antropologia proposta por Benveniste (1989, 1995), como serão observados na próxima seção.

2.1.2 Os desdobramentos da Semiologia de Saussure

O *continuum* dos estudos linguísticos delineados por Ferdinand de Saussure buscava acrescer a teoria postulada pelo mestre de Genebra, salientando, entre

² Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora, vocábulo que designa a “arte de facilitar as operações de memória por meios artificiais, ligando ideias e factos difíceis de reter a factos e ideais mais familiares e mais simples”.

outras questões³, o modo de organização do ato de linguagem, em Louis Hjelmslev (1975), a prática comunicativa, em Roman Jakobson (1995), e o discurso, a subjetividade e a Antropologia, em Émile Benveniste (1989, 1995). De modo a sintetizar esse atual panorama das ciências linguísticas, Benveniste (1995, p. 26) afirma que

a linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva.

É justamente nesse foco interligado à realidade entorno dos partícipes do fato de linguagem que as discussões sobre os postulados saussureanos compilados pelos seus discípulos no CLG adquirem ainda mais repercussão e despontam de maneira a renovar as propostas do mestre suíço. Um dos primeiros a adentrar profundamente à sistemática saussureana e extrair dela conceitos que atualizariam o pensar na Linguística moderna foi o dinamarquês Louis Hjelmslev, vinculado à Escola estruturalista de Copenhague.

Trabalhando a questão da língua como forma e não substância (SAUSSURE, 2012) postulado por Saussure, Hjelmslev (1975) parte da premissa do estudo da língua por ela mesma, fundamentando as bases do conceito da imanência linguística, que sustentou a teoria a qual batizou de *glossemática*. Para o pesquisador dinamarquês, a teoria da linguagem tem como objetivo a busca de um “[...] conhecimento imanente da língua enquanto estrutura específica que se baseia apenas em si mesma” (HJELMSLEV, 1975, p. 23). Isto é, fugindo de uma estrutura meramente abstrata do signo exposto no CLG - exemplificada pelo clássico jogo de xadrez, no qual o movimento das peças representam simbolicamente as propriedades

³ Diversos outros linguistas, a exemplo de Charles Sanders Peirce, Nikolaus Trubetzkoy e André Martinet contribuíram significativamente para a atualização da linguística saussureana. Entretanto, de modo a visar objetivos metodológicos salvaguardados para este trabalho monográfico, optamos por escolher Benveniste, Hjelmslev e Jakobson pelo fato de seus trabalhos estarem em consonância direta com a temática proposta. Ainda assim, as discussões nesta seção intentam não aprofundar esse assunto, mas extrair deles os principais elementos norteadores à proposição especificada por essa pesquisa.

(sintáticas, semânticas e morfológicas) da língua e sua disposição no tabuleiro, o sistema que as regem - a teoria hjelmsleviana preconiza a linguagem como uma prática metodológica que o fim se explica por ela mesma, não recorrendo a recursos ditos como extralinguísticos para explicá-la.

De modo a validar essa linha argumentativa, Hjelmslev retorna à discriminação elaborada por Saussure dos eixos associativo e sintagmático, pertencentes ao núcleo sincrônico da língua. Enquanto o mestre genebrino pressupõe as relações *in absentia* e *in praesentia* existentes no sintagma, os quais delimitam o valor do signo em termos de contraste que estabelecem com outro (CARVALHO, 2013), o linguista dinamarquês assume o eixo associativo, denominando-o paradigmático, tendo como atividade uma relação existente “[...] entre uma soma e uma função que dela participa; dizemos que a função *estabelece* a soma e que a soma é *estabelecida pela* função” (HJELMSLEV, 1975, p. 89, grifo do autor). Quer dizer, enquanto Saussure centralizava suas atenções nas distinções existentes de signo para signo, Hjelmslev se dedicava a estabelecer uma correlação dentro do sistema de signos mediada pela própria linguagem.

Como um modo de exemplificar essa abordagem do paradigma, Hjelmslev (1975, p. 125, grifo do autor) utiliza a definição dos *conotadores simbólicos*, que, segundo o linguista, consiste na solidariedade existente “[...] entre determinadas classes de signos e de determinados conotadores a uma *função semiótica*, uma vez que as classes de signos são a *expressão* desses conotadores considerados como *conteúdo*”. Ou seja, diferentemente da definição não arbitrária de símbolo elaborada por Saussure (2012) no CLG, na qual representaria uma tendência natural das línguas em rotular algo já significado, como, por exemplo, uma lenda, Louis Hjelmslev defende uma relação intrínseca entre símbolo e signo, comportando um processo de significação que, para ser plenamente realizado, necessita de uma co-dependência entre ambos. Logo, um sistema de signos necessariamente implica a um sistema de símbolos.

Da simbologia linguística trabalhada por Louis Hjelmslev, porém com o foco voltado ao modo de articulação da linguagem, Roman Jakobson contribuiu para os avanços dos estudos linguísticos postulados por Saussure ao elevar o código linguístico como matéria primordial de suas pesquisas. Para o linguista russo, “[...] a realidade fundamental com que se tem de haver o linguista é a interlocução – a troca de mensagens entre emissor e receptor, entre remetente e destinatário, entre codificador e decodificador” (JAKOBSON, 1995, p. 22). Ou seja, os integrantes do

processo enunciativo têm função decisiva no modo como o código linguístico é interceptado e mobilizado por eles, cabendo ao linguista identificar esses pormenores do ato verbal e analisá-los conforme a literatura crítica existente.

Partindo desse pressuposto e analisando o momento diacrônico da língua, Jakobson (1995) enfatiza que essa articulação entre código, mensagem e receptor, ao ser submetido ao fator do tempo, faz-se compreender determinados valores simbólicos na linguagem. Entretanto, diferentemente de Hjelmslev (1975), que definia o processo simbólico como inerente à língua, o pesquisador moscovita afirma que “[...] quando o fator temporal entra em jogo num sistema de valores simbólicos como a linguagem, ele próprio se torna um símbolo e pode ser utilizado como recurso estilístico” (JAKOBSON, 1995, p. 27). Isto é, ao invés da própria linguagem se transmutar em símbolo, ela passa a ser símbolo quando subordinada ao fator do tempo que, por sua vez - como já postulara Saussure - é manipulado pela coletividade. Assim, é através do hábito de língua que a simbologia se constitui não *na* linguagem, mas *pela* linguagem.

Por essa razão, e de modo a exemplificar tal assertiva, Jakobson (1995, p. 31) divide a linguagem em dois eixos, quais sejam: o da concatenação e o da substituição. A primeira diz respeito ao domínio da sintaxe, e a segunda, ao da semântica, decorrendo que “a concatenação implica a substituição”. Enquanto se formula determinado enunciado por meio dos recursos sintáticos disponíveis no código, o sentido que se atribui a ele ao longo do tempo é modificado em virtude do contexto no qual permeia o interlocutor.

De forma similar aos eixos sintagmático e associativo/paradigmático, formulados primeiramente por Saussure e desenvolvidos posteriormente por Hjelmslev (1975), Jakobson (1995) atribui a essa relação o constante processo de simbolização que ocorre na língua em consequência de o fato de linguagem fazer emergir ao longo do tempo inúmeras significações com as quais são perpetuadas pela prática enunciativa.

Essa análise é aprofundada quando Jakobson (1995) estuda os fenômenos decorrentes dos problemas relacionados à apreensão e comunicação na linguagem. Segundo o linguista russo, “pode-se dizer que a concorrência de entidades simultâneas e a concatenação de entidades sucessivas são os dois modos segundo os quais nós, que falamos, combinamos os constituintes linguísticos” (JAKOBSON, 1995, p. 38). Baseando-se nisso, o pesquisador moscovita, com a intenção de

desenvolver questões envolvendo distúrbios como a afasia⁴, dispõem o signo linguístico em dois modos, a saber: a combinação, que sucede o distúrbio de contiguidade, e a seleção, procedendo ao distúrbio de similaridade.

O distúrbio de similaridade é caracterizado pela deficiência no processo seleção nas frases, as quais são “[...] concebidas como sequencias elípticas, a serem completadas a partir de frases anteriormente ditas, quando não imaginadas, pelo próprio afásico ou recebidas por ele de um interlocutor real ou imaginário” (JAKOBSON, 1995, p. 43). Quer dizer, nesse tipo de distúrbio, o falante tem dificuldade de elaborar a própria frase, tendo que recorrer a termos falados de terceiros ou ao próprio imaginário a fim de preencher o sentido em falta no ato verbal. Um exemplo disso é a ausência, no ato de fala desse tipo de afásico, de palavras-chave que resumem a intenção a ser dita por ele, recorrendo a processos anafóricos ou associações imaginárias a fim de estabelecer sentido ao que é dito.

Já no distúrbio de contiguidade, o afásico é “[...] deficiente quanto ao contexto [...] a extensão e a variedade das frases diminuem” (JAKOBSON, 1995, p. 51). Em outras palavras, o sujeito que sofre com esse tipo de distúrbio tem uma fala pragmática, portando dificuldades de interpretar o contexto no qual determinado enunciado é proferido. Por exemplo, o afásico de contiguidade não consegue interpretar determinadas figuras do discurso em enunciados, como as metáforas, por exemplo.

Os resultados obtidos pela observação desses problemas envolvendo a afasia culminaram em um estudo direcionado às figuras de linguagem, especificamente a metáfora⁵ e a metonímia. Jakobson (1995) notou que, naqueles afásicos acometidos com problemas de similaridade, por recorrerem ao imaginário a fim de completar o sentido do enunciado, fazem uso de metáforas, enquanto aqueles que são tomados pelo distúrbio da contiguidade utilizam metonímias por serem altamente pragmáticos em suas falas, com o intuito de simplificarem ao máximo o raciocínio justamente por possuírem deficiência na apreensão do contexto de produção do enunciado.

Diante disso, o linguista russo assume que essa dicotomia por ele discutida “[...] revela-se de uma significação e de um alcance primordiais para a compreensão do

⁴ “Perda total ou parcial da função da palavra, quer da função de expressão verbal (forma de apraxia), quer da função de compreensão (forma de agnosia), da linguagem falada (surdez verbal) ou escrita (cegueira verbal)” (Dicionário da Porto Editora).

⁵ Discutiremos especificamente a figura metafórica, também no viés proposto por Roman Jakobson, no capítulo 3.

comportamento verbal e do comportamento humano em geral” (JAKOBSON, 1995, p. 58-59). Esse processo de significação exposto por Roman Jakobson adquire um viés acentuado nos estudos de outro renomado linguista: Émile Benveniste, este incluindo à significação os estudos linguísticos sobre a subjetividade humana.

Vinculado à Escola Funcionalista de Paris, Émile Benveniste investiu suas atenções no modo como o ser humano experiencia a linguagem, como a torna um importante mecanismo de significação. Para o linguista parisiense, “é o que se pode *dizer* que delimita e organiza o que se pode pensar. A língua fornece a configuração fundamental das propriedades reconhecidas nas coisas pelo espírito” (BENVENISTE, 1995, p. 76, grifo do autor). Isto é, a partir da transmissão de um pensamento, distribuídos de acordo com a organização morfemática em cada classe, são distribuídas ordens que adquirem significações – estas moduladas pelo contexto sociocultural – capazes de manusear os símbolos expostos pela língua.

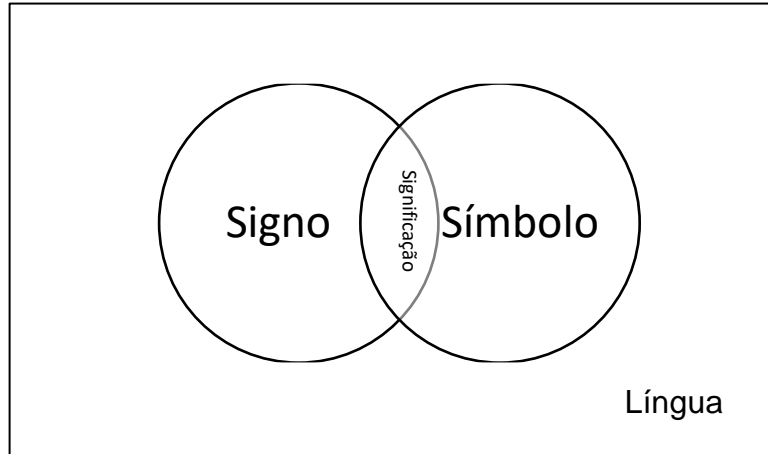
É através dessa simbologia que o homem se constitui “[...] na e pela linguagem [...]]; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser [...]” (BENVENISTE, 1995, p. 286). Ou seja, a capacidade que o ser humano tem de se inserir de modo vivificado em sua língua é o que faz dele um sujeito portador da subjetividade, que, por sua vez, é capaz de remeter “[...] a ele mesmo como *eu* no discurso” (Ibidem).

Diante desse cenário, e de modo a estabelecer um vínculo entre a pessoa do ato verbal e o tempo, exemplificado pelo uso dos pronomes na língua, Benveniste (1989, p. 69) afirma que a experiência central na linguagem humana é alicerçada no discurso, haja vista que “[...] é identificada por este à temporalidade que informa sua própria fala quando ele se torna, por sua vez, locutor”. Quer dizer, por pertencer a uma instância discursiva que lhe é inata, o ser humano é capaz de mediar sua presença no discurso em função do tempo em que seu ato de fala acontece, transbordando, nisso, sua subjetividade para o interlocutor. Logo, “a condição de intersubjetividade é que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 1989, p. 78).

Os estudos de Hjelmslev (1975), Jakobson (1995) e Benveniste (1989, 1995) tem em comum o fato de acrescentarem ao signo saussureano uma valência até então pouco analisada pelo pesquisador suíço: a simbologia. O símbolo emerge como ponto de intersecção entre os valores linguísticos pelo motivo de mobilizarem aspectos decorrentes da vivência de quem enuncia e da forma como enuncia, e não somente do que é enunciado. Como modo de materializar essas concepções, expomos, a

seguir, um quadro-síntese sobre a convergência dos desdobramentos da semiologia de Saussure:

Quadro 01 – Convergências teóricas entre as vertentes voltadas ao signo linguístico



Fonte: Elaboração nossa.

Por intermédio da teoria do símbolo proposta por Louis Hjelmslev, seguida de sua inserção no processo comunicativo, em Roman Jakobson, e o estudo da subjetividade na língua em Émile Benveniste, a matéria da linguagem foi paulatinamente ressignificada e abrangendo áreas que a linguística tradicional, até então, não incorporava nas análises sobre o signo linguístico: simbologia. Diante disso, essas importantes reflexões oriundas dos desdobramentos proporcionados pela teoria saussureana da linguagem subsidiaram de maneira significativa os estudos de outro ramo da ciência que se afirmaria no mesmo período de ascensão da Linguística: a Psicanálise.

2.2 A Linguagem na Psicanálise: relação de confluência

Assim como a Linguística deu um importante passo para a sua afirmação com os estudos pós-saussureanos, estabelecendo a língua como uma *entidade de dupla face*, termo cunhado por Saussure e ratificado pela Linguística moderna, surgia, no início do século XX, um novo ramo, agora nas ciências naturais, que se colocaria entre a Psiquiatria e a Psicologia: a Psicanálise, tendo como seu fundador Sigmund Freud. Apesar de serem contemporâneos, não existe confirmação se Saussure e Freud chegaram a ler os trabalhos um do outro (ARRIVÉ, 1994). O austríaco lança sua

Interpretação dos sonhos no ano de 1900, enquanto o genebrino, de forma póstuma, o CLG, em 1916.

Contudo, ambos revolucionaram as ciências pelo fato de incluírem à questão da linguagem elementos sistemáticos na Linguística e simbólicos na Psicanálise. Anos mais tarde, precisamente na década de 1950, os trabalhos de Jacques Lacan, sucessor de Freud, contribuíram decisivamente para a remodelação de conceitos linguísticos e psicanalíticos, unindo-os, de acordo com a pretensão de esclarecimento proposta pelo psicanalista francês: ele acrescenta à psicanálise freudiana o ideário semiótico saussureano.

2.2.1 A ciência psicanalítica: Freud e o estudo dos sonhos

No início de suas *Conferências introdutórias à Psicanálise*, Freud (2014, p. 22), antes de tudo, faz elevar um instrumento até então pouco enfatizado na clínica relacionada a tratamentos psicológico e psiquiátrico: a palavra. Segundo ele,

com palavras, uma pessoa é capaz de fazer outra feliz ou de levá-la ao desespero; é com palavras que o professor transmite seu conhecimento aos alunos e é também por intermédio das palavras que o orador arrebatava a assembleia de ouvintes e influi sobre os juízos e as decisões de cada um deles. Palavras evocam afetos e constituem o meio universal de que se valem as pessoas para influenciar umas às outras. Não vamos, pois, subestimar o emprego das palavras na psicoterapia, e sim nos dar por satisfeitos se pudermos ser ouvintes daquelas palavras que são trocadas entre o analista e seu paciente.

Preconizando o que viria a se chamar *talking cure*, ao inserir a linguagem como o elemento principal de análise na então emergente ciência psicanalítica, o médico psiquiatra tcheco revolucionou a forma de lidar com pacientes que necessitam de auxílio relacionado a problemas da mente. É, então, por intermédio da palavra, da interlocução efetiva entre psicanalista e paciente, que os pormenores decisivos causadores de inúmeros transtornos mentais são desvelados em sua forma limpa e objetiva, podendo, assim, assegurar um tratamento eficaz para quaisquer distúrbios.

Explorando essa capacidade da linguagem em elucidar vicissitudes decorrentes da mente, Freud (2014) investiga o que é comumente chamado, no meio analítico, de *atos falhos*. O psicanalista enumera seis diferentes tipos de atos⁶, os

⁶ Por recorte metodológico, optamos por comentar brevemente os dois primeiros tipos citados. Para mais informações dos demais, ler o capítulo “Os atos falhos”, em Freud (2014).

quais dois deles se referem diretamente ao fato de linguagem: o lapso verbal e o lapso de leitura. O primeiro ocorre “[...] quando alguém, pretendendo dizer uma palavra, diz outra em seu lugar [...]” (FREUD, 2014, p. 31), o segundo se dá quando “[...] em um texto impresso ou manuscrito, lemos algo diferente do que está escrito” (FREUD, 2014, p. 32).

Justamente por meio dessa abordagem preliminar, Freud (2014, p. 45) conclui que “[...] o próprio produto do lapso talvez tenha o direito de ser considerado um ato psíquico pleno, munido de objetivo próprio, devendo, assim, ser compreendido como uma manifestação dotada de conteúdo e significado”. Ou seja, a partir dessa significação dada ao ato (ou deslize) de linguagem, o psicanalista municia o principal estudo por ele formulado, solidificando as bases da Psicanálise: a ciência dos sonhos.

Partindo da literatura crítica existente na época sobre problemas relacionados ao sonho⁷ (FREUD, 2019), que ora eram baseados em estímulos sensoriais externos ou estímulos somáticos internos, ora pela excitação sensorial interna ou pelo estímulo psíquico, Freud (2014, p. 119) define o sonho como o modo que “[...] a psique reage aos estímulos que atuam sobre o sono”, sendo este mediado pela realização de um desejo (FREUD, 2019).

Diante disso, o psicanalista tcheco passou a analisar os sonhos na perspectiva de obter um caminho para o então denominado inconsciente, o qual ordena todos os nossos sentimentos e ações. Freud (2019, p. 168) observa que é a partir da atribuição de uma significação ao material do sonho “[...] que descobrimos o conteúdo de pensamentos [...] por trás do sonho, mediante o trabalho interpretativo”. Dessa maneira, o psicanalista divide o conteúdo do sonho em *manifesto*, que nada mais é do que aquele “[...] lembrado de forma consciente” (FREUD, 2019, p. 178) pelo analisado, e *latente* (ou onírico), o qual se reveste de intenções inconscientes (FREUD, 2019).

Levando em conta essa dicotomia do sonho (tal qual a dicotomia realizada por Ferdinand de Saussure para com o objeto da linguagem), e de modo a exemplificar tais manifestações expostas, principalmente, por intermédio da linguagem no

⁷ Demais informações, ler o capítulo “A literatura científica sobre os problemas do sonho”, em Freud (2019).

momento da análise clínica, Freud (2019) decodifica o trabalho do sonho, em especial no conteúdo latente, em dois processos: da condensação e do deslocamento⁸.

A condensação ocorre “[...] pela via da omissão, caso em que o sonho não seria uma tradução fiel ou projeção ponto por ponto dos pensamentos oníricos, mas uma projeção bastante incompleta e lacunar destes” (FREUD, 2019, p. 322). Já o deslocamento, ao contrário, consiste na “[...] deformação do desejo onírico no inconsciente” (FREUD, 2019, p. 350), ou seja, o objeto é não transfigurado em sua totalidade.

Feita essas considerações, Freud (2014, p. 205) constata que o fator comum para ambos os processos do trabalho do sonho parte do símbolo transgredido por eles. Segundo o psicanalista, “não é grande a extensão de coisas que podem encontrar no sonho representação simbólica. O corpo humano como um todo, os pais, os filhos, os irmãos, o nascimento e a morte, a nudez e ainda algumas outras”. Quer dizer, o sonho parte de um objeto concreto vivenciado pelo indivíduo, transformando-o em causa onírica denotada quer pelo processo de condensação, quer pelo deslocamento.

Dito isso, Freud acresce aos estudos sobre a simbologia (concomitantemente aos estudos linguísticos) ao atribuir a este fenômeno um valor clínico-diagnóstico, de suma importância para o trabalho analítico por materializar a consciência, ou, melhor dizendo, a inconsciência advinda do sonho por meio do ato de linguagem. Ou seja, é por meio da palavra que diversas patologias humanas se expressam em decorrência do ato analítico.

A psicanálise freudiana serviu como ponto de partida de uma nova ciência que veria seu auge e pleno estabelecimento algumas décadas após a morte do médico tcheco. Contudo, assim como o ideário saussureano sobrevive e fomenta diversas discussões na Linguística até hoje, as concepções apresentadas por Sigmund Freud impulsionam continuamente o desenvolvimento da Psicanálise, tornando-a uma área científica multidisciplinar. O principal exemplo dessa sucessão de teorias psicanalíticas iniciadas por Freud se concentra na figura do francês Jacques Lacan.

2.2.2 A “nova” Psicanálise: Lacan e a reorientação das ideias freudianas

⁸ Veremos, na próxima seção (2.2.2), que Jacques Lacan redefine esses processos em condensação *metafórica* e deslocamento *metonímico*.

Sendo um fiel seguidor das ideias freudianas, Jacques Lacan ordenou as obras do precursor da Psicanálise e as reorientou buscando corroborar, cada vez mais, com o status de ciência desta. Partindo do princípio da análise da transferência, que nada mais é do que a realização do ato analítico mediado pela tríade envolvendo sujeito, linguagem e psicanalista (LACAN, 2008), a teoria lacaniana focalizou em determinadas lacunas deixadas por Sigmund Freud, a exemplo da relação entre o analista e o analisado.

Por meio dessas observações, sempre calcadas na psicanálise de Freud, Lacan preconizou uma máxima que nortearia a teoria psicanalítica: o inconsciente estruturado como linguagem (LACAN, 2008). Em harmonia com Dor (1989, p. 12, grifo do autor), o objetivo principal da elaboração dessa concepção

[...] foi a de trabalhar no sentido da restauração da originalidade freudiana da experiência do inconsciente. [...] Pode-se tomar esta hipótese como a mais fundamental para toda a elaboração teórica lacaniana, na medida em que esta proposição pressupõe e encarna o sentido do *retorno a Freud* que Lacan não cessou de indicar desde o início de seu ensino.

Para este *retorno a Freud*, Lacan se apropriou de teorias nas quais expandiram o olhar facultado à prática analítica, entre elas, a Linguística, principalmente a saussureana. A inserção da visão concedida pelo mestre de Genebra sobre o signo linguístico sustentou a Psicanálise pautada na reorientação das ideias freudianas proposta pelo pensamento lacaniano.

O significado e o significante postulados por Ferdinand de Saussure e seus discípulos, na perspectiva trabalhada por Lacan, adquire um papel fundamental na prática do psicanalista “[...] por não desvincular a experiência da linguagem da situação que ela implica, a do interlocutor, toca no fato simples de que a linguagem, antes de significar alguma coisa, significa para alguém” (LACAN, 1998, p. 86). Ou seja, enquanto a linguagem, no ideário saussureano, era exercida conforme um sistema coordenado de regras sustentadas pelo signo, exemplificado pela partida de xadrez, a teoria lacaniana busca explicar a via que se dá as jogadas no tabuleiro (isto é, quem movimenta), esta, por seu turno, ausente na teoria do pesquisador genebrino.

Por meio desse viés, Lacan retorna à teoria do sonho proposta por Freud com o intuito de estruturar as manifestações simbólicas através do fato de linguagem. Para exemplificar tal pretensão, o psicanalista francês elabora, primeiramente, uma teoria denominada por ele como *ponto-de-estofa* (ou ponto de basta), que consiste em “[...]”

reduzir tudo à função de corte no discurso, sendo o mais forte aquele que serve de barra entre significante e o significado” (LACAN, 1998, p. 815). Quer dizer, a partir da delimitação imposta ao objeto central recorrente nos enunciados proferidos pelo sujeito no ato analítico, o psicanalista estabelece um corte no símbolo denotado por esse objeto e, em consequência disso, define as características deste baseado na aceção retroativa apreendida do próprio signo.

Essa observação permite, nas palavras de Lacan (Ibidem), concluir que “se a Linguística nos promove o significante, ao ver nele o determinante do significado, a análise revela a verdade dessa relação, ao fazer dos furos do sentido os determinantes de seu discurso”. Isto é, por meio das brechas (ou fendas, como intitula o psicanalista francês em sua teoria, para designar o acesso ao inconsciente) perpetuadas pela recorrência do simbólico no signo proferido no discurso do sujeito, é possível ao psicanalista diagnosticar a verdade que permeia toda essa enunciação.

Esse diagnóstico, por sua vez, só é possível quando pautado na observação primordial concedida ao significante, visto que, como observa Lacan (1998, p. 820), é nele que “[...] detém o deslizamento da significação, de outro modo indefinido”. Ou seja, é a partir do significante que há a orientação das vias da significação, e não o contrário. Desse modo, e com essa tese firmada, a teoria lacaniana reorienta uma das principais pesquisas expostas por Freud no trabalho do sonho: a da condensação e do deslocamento, por ele renomeado, respectivamente, em *condensação metafórica* e *deslocamento metonímico*.

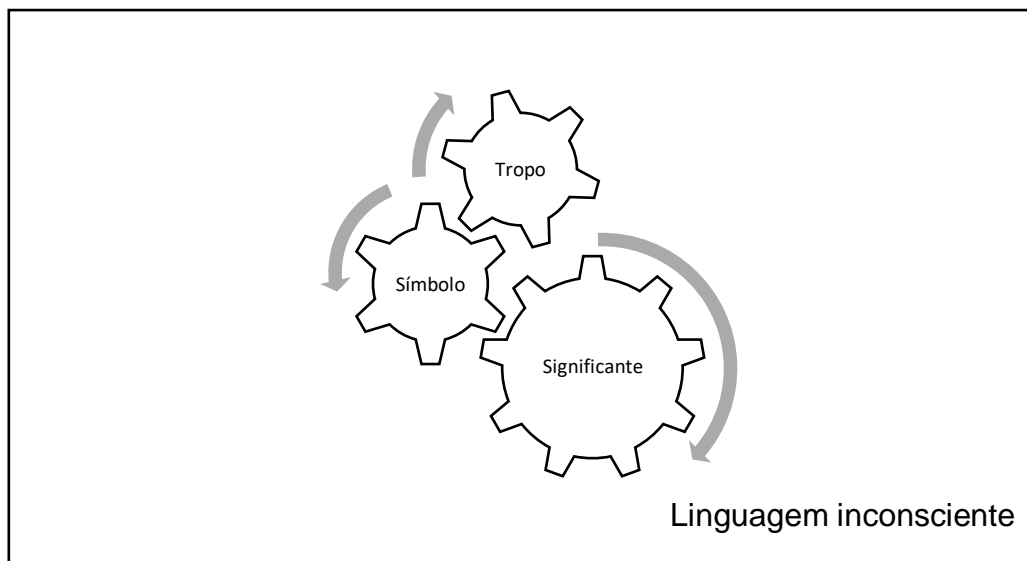
Concedendo ênfase ao caráter primordial do significante⁹, Lacan (1998) reorienta o trabalho do sonho pesquisado por Freud ao articular a condensação e o deslocamento ao significado orientado pelo significante. Logo, a condensação, por não reproduzir fielmente a projeção formulada pelo pensamento onírico, recorre a uma transcrição metafórica – definir algo em termos de outro - para validar seu sentido real exposto pelo inconsciente. Dessa forma, esse processo adquire um viés de *substituição significante*. Já o deslocamento, por consistir numa deformação do objeto onírico, emprega a metonímia como modo de aproximar ao máximo a transcrição do objeto inconsciente ao seu sentido verídico. Equivalendo, assim, a um processo de *permuta significante*.

⁹ A decorrente *supremacia do significante* e seus efeitos serão abordados no capítulo 3.

A escolha por essas figuras do discurso a fim de exemplificar o trabalho freudiano do sonho passa pelo fato de que, como bem aponta Lacan (1998, p. 506, grifo do autor), “[...] é na cadeia significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento”. Em outras palavras, é por intermédio do significante que toda a cadeia de significação adquire sentido próprio. Sentido este que é fielmente descrito pelos *tropos* do discurso. Essas noções sobre a metáfora e a metonímia, conforme analisa Dor (1989, p. 49, grifo do autor), constituem, para os fundamentos da perspectiva lacaniana, “[...] duas pedras fundamentais da concepção estrutural do processo inconsciente. Estas duas molas mestras sustentam, com efeito, uma larga parte do edifício teórico mobilizado pela tese: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*”.

Como pode-se perceber, o significante eleva-se como ferramenta primordial no processo de significação, uma vez que é por meio dele que diversas ações sintomáticas oriundas do inconsciente se estruturaram por meio do discurso do sujeito - revelado pelo *tropo* discursivo - durante o ato analítico, e, por intermédio desse ato, o símbolo conotado toma um viés objetivo na identificação dos detalhes causadores de diversos transtornos psíquicos (LACAN, 1998). Assim, como modo de sintetizar a simbologia estudada por Freud e o significante reorientado por Lacan, segue-se o quadro-síntese das teorias psicanalíticas mobilizadas até o momento:

Quadro 02 – Convergências teóricas sobre o símbolo e o significante



Fonte: Elaboração nossa.

A dicotomia saussureana adquire um caráter que transcende as pretensões inicialmente propostas pelo mestre de Genebra, apresentando-se como engrenagem primordial na “nova” Psicanálise proposta por Lacan, o qual aliou os estudos semióticos aos simbólicos para fundamentar a reorientação das ideias freudianas. Com essa tese firmada, diversos trabalhos emergiram como modo de analisar qual seria o objeto comum existente nos estudos envolvendo a Linguística e a Psicanálise. Contudo, comprovou-se que o ponto de partida se fundamenta nas bases da teoria do signo linguístico, como se verá a seguir.

2.3 Linguística e Psicanálise: a sucessão do signo saussureano

De modo a acompanhar esse percurso evolutivo do signo linguístico elaborado por Saussure e do simbólico estudado por Freud, Lacan introduz o conceito de signo na Psicanálise, acrescentando a isso, também, os estudos de Benveniste sobre o sujeito da enunciação, dando ênfase ao significante. Segundo ele, “os significantes só se puderam constituir na simultaneidade em razão de uma estrutura muito bem definida da diacronia constituinte. A diacronia é orientada pela estrutura” (LACAN, 2008, p. 52). Quer dizer, essa simultaneidade constituinte do significante se refere à dimensão sincrônica do signo, que, por sua vez, conforme afirma Lacan, é estruturado pela evolução da percepção da língua (diacronia).

Além disso, um dos pontos fundamentais da nova Psicanálise implementada por Lacan é a inserção do sujeito enunciador. Enquanto Saussure fundamentava as bases epistemológicas da Linguística levando em conta o corte entre significado e significante, não aprofundando os estudos sobre o sujeito enunciador, e Freud atentava para as consequências da psiquê no âmbito clínico, porém, também, sem aprofundar os estudos sobre a enunciação, Lacan (2008, p. 126) reuniu os ideários desses autores fundamentando que “o inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante”. Desse modo, o psicanalista francês preconiza um *inconsciente estruturado como linguagem*, de modo que há, no signo, uma *supremacia do significante* em relação ao significado, sendo esse efeito resultado da abertura ao inconsciente.

Essa tese formulada por Lacan proporcionou debates – os quais perduram até hoje – sobre a relação existente entre a Linguística e a Psicanálise. Linguistas como

Jean-Claude Milner, adepto tanto dos pensamentos freudianos, quanto dos lacanianos, principalmente do último, analisando justamente as relações existentes entre a linguagem e a teoria psicanalítica, discorre que “[...] a língua é, desse modo, aquilo que o inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade, no compasso das palavras, fale” (MILNER, 2012, p. 22).

De modo a aprofundar os conceitos oriundos do escopo teórico da Psicanálise proposta por Lacan, Milner (2012) assume o conceito laciano de *lalíngua* (*lalangue*), esta, por sua vez, equivalendo a uma dimensão irrestrita do objeto da linguagem, por meio da qual o registro expresso através dela representa mais do que simples relações de significação, mas o modo pelo qual nos inserimos plenamente, seja consciente ou inconscientemente, no mundo.

Dessa inserção plena no mundo, Milner (2012) depreende duas dimensões, nas quais, também tomadas do pensamento laciano, operam o plano da linguagem: a do *todo* e a do *não-todo*. A primeira corresponde ao âmbito estudado pela Linguística, qual seja: a língua, portando uma proposta universalizante orientada, por exemplo, pelas gramáticas. Já a segunda equivale ao limite que a ciência linguística não extrapola - seja por desinteresse, seja por desconhecimento – chamada de *borda do Real*, no qual se encontra o inconsciente, isto é, a *lalíngua*.

Dito isso, segundo o linguista francês, “a borda do real que a Linguística se empenha em representar como a cisão entre o correto e o incorreto não tem outra substância que não *lalíngua* mesma – ela garante, em sua forma de borda, o ilimitado que desfaz toda universalidade” (MILNER, 2012, p. 81). Quer dizer, é através da *lalíngua* que há quebra da uniformidade concentrada no domínio linguístico, não existindo nela, dessa maneira, a distinção entre erro e acerto, e sim a repercussão do eco do ser, do inconsciente, que não é dimensionável.

A partir disso, o linguista faz uma crítica à área pela qual é pesquisador, chamando-a de “sutil e esmorecente” (MILNER, 2012, p. 39). Segundo Milner, a Linguística se torna sutil por reconhecer a dimensão do não-todo da língua, e esmorecente por não se dedicar a estudar esse não-todo. O linguista francês conclui, assim, que cabe ao linguista “[...] escolher seu próprio entendimento dos símbolos que maneja e, em tais circunstâncias, não querer ignorar *lalíngua* – da qual seu objeto é extraído -, nem o não-todo que marca incessantemente as suas totalidades” (MILNER, 2012, p. 116).

Levando em consideração essa necessidade de incluir a expressão do inconsciente como âmago constitutivo da linguagem, trabalhos como o do psicanalista Maurício Eugênio Maliska (2010) emerge como um importante ponto de contato entre esses domínios científicos. Ao trabalhar o conceito de real presente no CLG compilado pelos discípulos de Saussure, o autor investiga que as similitudes encontradas entre as invenções de Saussure e Freud “[...] mantém relações com o real, tem um caráter estrutural e conceitual, e é invariável e universal, ao mesmo tempo em que é singular e particular em cada sujeito” (MALISKA, 2010, p. 35). Ao invés de elidir o olhar da Linguística sobre a Psicanálise, como bem o fez Milner, o pesquisador catarinense estabelece o caminho inverso: perfaz o olhar da Psicanálise na Linguística.

Focando em questões como a arbitrariedade, a mutabilidade e a imutabilidade, e o valor do signo linguístico postulados pelo mestre de Genebra, Maliska (2010, p. 57) avalia questões que denotam, para a Psicanálise, “[...] justamente o não sentido que portam, o quanto estão ligados ao não sentido em detrimento de uma possível significação ou sentido”. Isto é, o fato de Saussure recorrer a questões que beiram a metalinguagem para explicar a materialidade e a viabilidade do objeto da Linguística, indicam o fato dele se apropriar de elementos da dimensão do não-todo da linguagem, o real, com o intuito de explicar a realidade linguística.

Partindo do conceito de real como um “[...] todo que se movimenta sem obedecer a uma ordem, sem estar subordinado a uma estrutura” (MALISKA, 2010, p. 78), o psicanalista brasileiro deduz que o recorte sincrônico realizado por Saussure “[...] não possui necessariamente laços com a realidade empírica, mas sustenta a realidade da língua por ter um estatuto real, que é o estatuto da invenção” (MALISKA, 2010, p. 89). Ou seja, por valer-se do imaginário para sustentar seus postulados linguísticos, o mestre genebrino se apropria da dimensão do real da língua, utilizando-a de modo a transgredir o real para o material.

De modo a analisar esse espaço interdito mediado pelo real presente entre a Linguística e a Psicanálise, o trabalho do linguista gaúcho Valdir Flores, propondo os rumos de uma semântica enunciativa, visa buscar essa circunscrição de uma unidade, o *Um*, na Linguística, buscando agregar aspectos do *todo* e do *não-todo*. Para o pesquisador, “[...] o *Um* recoloca na ordem do dia o fantasma do limite, e reconhecê-lo é circunscrever a ciência. O signo tem, nessa perspectiva, o papel de introduzir os fundamentos da ciência no regime do discernível” (FLORES, 1999, p. 40). Em outras palavras, é partindo do signo que a linguagem é capaz de se tornar completa por

introduzir em seus fundamentos duas esferas que se complementam mutuamente e que excedem seu sentido *stricto sensu*: a da língua material, e da língua real.

Com base nas análises desse excedente, e fundamentado a teoria conforme a proposta dialógica bakhtiniana, a do referente wittgeistiano e ducrotiano, e do objeto circundante pecheutiano e gadgetiano¹⁰, Flores (1999, p. 120, grifo do autor) afirma que “a língua, enquanto *todo*, suporta uma impossibilidade que nela se manifesta como uma rede possível de ser representada. [...] A questão principal é saber como a Linguística e a Psicanálise podem, juntas, tratar da subjetividade humana”.

Centralizando, nesse momento, as atenções para o sujeito da enunciação, Flores (1999) propõe uma nova concepção do objeto em Linguística, que, para o pesquisador, engloba tanto fatores interiores à língua, quanto exteriores a ela. Para isso, o autor intenta “[...] abolir a ideia de centro para perceber a língua como uma realidade de atravessamentos” (FLORES, 1999, p.130-131). Ou seja, é mediante esse fluxo que ocorre dentro do objeto da linguagem, permeada por fatores conscientes e inconscientes, que a unidade de língua existe e por ela se constitui.

De modo a arrematar, mas nem por isso concluir, as perspectivas que abrangem o escopo epistemológico envolvendo os domínios linguístico e psicanalítico, o linguista francês Michel Arrivé percorre o itinerário teórico dessas duas áreas, destacando importantes nomes da Linguística e da Psicanálise que muito contribuíram para a evolução dos estudos nessas ciências, e, ao mesmo tempo, traçando um paralelo comum entre ambas.

A primeira particularidade destacada por Arrivé (1994) gira em torno dos estudos envolvendo o símbolo em Linguística e em Psicanálise. Para a primeira, e tomando como base as teorias de Saussure e Hjelmslev, o pesquisador denota o símbolo como uma tendência natural derivada do deslocamento da cadeia significante (Saussure) e como inserida em um sistema da linguagem (Hjelmslev). Na segunda, com base nos conceitos elaborados por Freud, há uma tripartição nos estudos envolvendo o simbolismo, quais sejam: o mnêmico, baseado em especificidades oriundas do sintoma (a exemplo da histeria), o onírico, através da divisão entre os conteúdos manifesto e latente, e a simbolização, derivado do conteúdo onírico mediado pelo inconsciente.

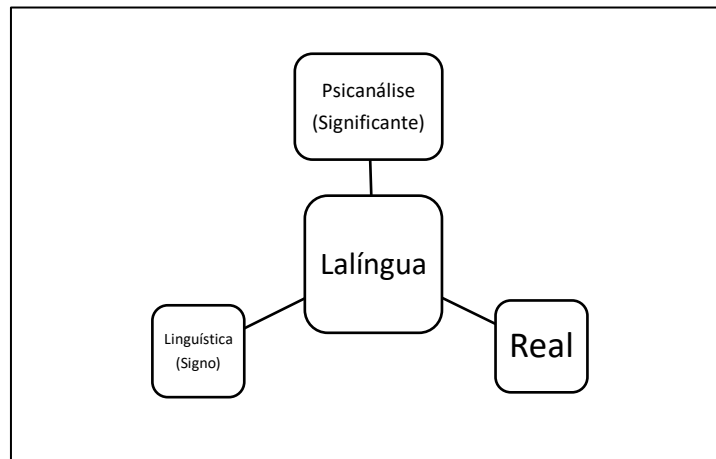
¹⁰ Teorias esmiuçadas no capítulo “Sobre o que excede a ancoragem linguística ‘stricto sensu’”, em Flores (1999).

O entrecruzamento entre os símbolos linguísticos e psicanalíticos, conforme observa Arrivé (1994), parte do princípio da enunciação na qual estão inseridos. Para o linguista, na enunciação, ocorrem os fenômenos de embreagem e desembreagem, quer dizer, ora o sujeito separa-se da sua enunciação, (desembragem), ora une-se a ela, formando uma unidade entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação (embreagem). Diante do exposto, “[...] seria preciso considerar o inconsciente, na sua ordem, como uma enunciação. Encontrar nele os fenômenos de embreagem e desembreagem, e relacioná-los com o processo de simbolização” (ARRIVÉ, 1994, p. 77).

Sendo a enunciação portadora da significação inconsciente, Arrivé (1994) parte para o eixo expressivo dessa simbolização: o significante. De modo a relacionar os significantes saussureano e lacaniano, o pesquisador francês aponta convergências entre essas teorias, tais como a dualidade do signo, sua segmentação e a interferência simbólica que ostentam, e divergências, a exemplo da estrutura fechada do signo em Saussure, e a supremacia do significante em Lacan.

Diante dessas teorias envolvendo Linguística e Psicanálise, é perceptível que o ponto de culminância entre os objetos de cada trabalho é o signo linguístico saussureano. Este, por sua vez, não encerra de modo fixo a dicotomia até então pensada pelo mestre de Genebra, na qual segmentava o significado e o significante em uma entidade de duas faces inseparáveis e interdependentes, sendo capaz de abranger, nesses recortes analisados por Milner (2012), Maliska (2010), Flores (1999) e Arrivé (1994), limites com os quais dialogam diretamente com a ciência psicanalítica, resultando na *lalíngua*, a qual intervém no âmbito linguístico com o intuito de explicar o modo como a língua se expressa em domínio inconsciente. Essa intervenção, por sua vez, é mediada por figuras do discurso capazes de representar materialmente as *bordas do real*, a exemplo, em especial, da metáfora. A seguir, vê-se um quadro-síntese da culminância entre Linguística e Psicanálise na estruturação da *lalíngua*:

Quadro 03 – Linguística, Psicanálise e Laíngua



Fonte: Elaboração Nossa.

Assim sendo, com base em todas essas teorias selecionadas envolvendo as relações entre Linguística e Psicanálise empregadas para este trabalho monográfico, foi possível identificar mais um fator comum entre ambos os domínios e que é suscetível de representar o Real estudado por esses autores: o estudo do tropo discursivo, especificamente da metáfora. Como se verá no próximo capítulo, essa figura do discurso é capaz de reunir conceitos linguísticos e psicanalíticos em sua estrutura, modalizando-a conforme o contexto em que está inserida.

3 DOS EFEITOS DO SIGNIFICANTE À METÁFORA DO MEDO

As primeiras reflexões envolvendo a figura metafórica são oriundas da antiguidade grega, mais precisamente com os pensamentos de Aristóteles (2003) sobre a arte poética. A partir da análise da *mimese* como função atributiva aos atos do personagem em determinada encenação que, por sua vez, são baseadas na vivência real, o pensador grego infere que “[...] a imitação se aplica aos atos das personagens e estas não podem ser senão boas ou ruins [...] daí resulta que as personagens são representadas melhores, piores ou iguais a todos nós” (ARISTÓTELES, 2003, p. 6). Baseado nisso, o filósofo, investigando detidamente os meios de expressão utilizados nesses atos, aos quais proporcionam no público a

experiência denominada *catarse*¹¹, categoriza as funções de verbalização e seu consequente processo de apropriação pelos personagens.

Diante disso, o pensador grego chega à metáfora, definindo-a como a “transposição do nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, por analogia” (ARISTÓTELES, 2003, p. 35). De forma a intensificar o lirismo no ato teatral e/ou verbal, Aristóteles (2003) defende a tese de que a metáfora é o meio pelo qual o absurdo adquire conotação lógica e, só assim, possa ser apreendido. Logo, o filósofo afirma que “a vulgaridade e a trivialidade serão evitadas por meio do termo dialetal, da metáfora, do vocábulo ornamental e das demais formas anteriormente indicadas; mas o termo próprio é o que dá clareza ao discurso” (ARISTÓTELES, 2003, p. 37).

Entre as definições comumente empregadas na língua portuguesa para designar a figura de linguagem denominada metáfora, examinamos, em consonância com a gramática normativa, as visões de linguistas como Cegalla (2008, p. 614, grifo nosso) que a define como o “[...] o *desvio* da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos”; para Cunha (2014, p. 340, grifo nosso), a metáfora consiste “[...] na *alteração* do sentido de uma palavra ou expressão, pelo acréscimo de um segundo significado, havendo entre eles uma relação de semelhança”, e, para Bechara (2019, p. 419, grifo nosso), significa a “*translação* de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem à classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados”.

Contudo, tomamos a definição trabalhada pelo gramático Lima (2019) como linha norteadora em virtude da influência, em seus escritos sobre essa temática, do ideário metafórico (similaridade) postulado por Jakobson (1995), o qual será uma das linhas de pesquisa adotada nesse trabalho a respeito da metáfora. Segundo o estudioso, essa figura é baseada na “[...] *transferência* de um termo para uma esfera de significação que não é a sua, em virtude de uma comparação implícita” (LIMA, 2019, p. 598).

A metáfora sob a perspectiva da gramática torna-se importante para o trabalho pela razão de apresentar diversificadas visões sobre essa figura de linguagem, haja

¹¹ “Efeito de libertação e purificação emocional provocado no espectador pela experiência estética da tragédia, em resultado do confronto com as violentas emoções (horror, piedade, etc.) evocadas” (Dicionário da Porto da Editora).

vista o fato, como pode-se perceber, de não haver um consenso entre os principais linguistas do país sobre a definição desse tropo. O dissenso entre os estudiosos revela o quão singular é o estudo da metáfora, já que esse fenômeno da linguagem contempla diferentes posicionamentos em seu arcabouço teórico e aspectos individuais, como poderemos observar nas próximas seções deste capítulo.

Percebe-se, através das palavras-chave que foram por nós destacadas dos conceitos gramaticais elaborados em torno dessa figura, que as definições de metáfora variam de gramático para gramático. Isso se justifica pela razão de a metáfora ora representar a influência objetivista do termo (*desvio*, *alteração*, *translação*) – influenciado pela tradição retórica da figura, portando um viés categórico e ornamental – ora pelo viés contextual concedido pela presença modulada no discurso (*transferência*), configurando, assim, uma instância “viva” no enunciado (RICOEUR, 2015)¹². Adotamos, pois, essa última visão como linha condutora das nossas reflexões a respeito da metáfora pelo fato dela atender aos propósitos firmados nesta monografia.

Partindo do conceito ornamental concedido à figura metafórica proposta por Aristóteles, cujo valor obedece a um direcionamento meramente instrutivo, e suas variadas definições de acordo com linguistas da língua vernácula, modalizada em diferentes perspectivas, a metáfora adquiriu ao longo do tempo conceitos que foram se resignificando a ponto de perceber sua funcionalidade na instância discursiva. Os estudos sobre a tropologia, acentuados em meados do século XIX e tendo como um dos símbolos Pierre Fontanier (1830 *apud* RICOEUR, 2015), iniciam o processo de (re)codificação dessa figura de linguagem. De acordo com os pesquisadores, a definição de tropo “[...] edifica-se sobre a do par ideia-palavra [...] É o primado da ideia que assegura o da palavra” (RICOEUR, 2015, p. 83). Ou seja, ao estabelecer um vínculo efetivo entre a matéria da palavra e sua significação, o *tropo* metafórico se estabelece na instância da enunciação.

Corroborando o exposto, Ricoeur (2015, p. 86) depreende, sobre essa relação, “que a palavra e a proposição constituam dois polos distintos da expressão do pensamento, a definição das noções de sentido e de significação o confirma: é, antes

¹² Entendemos que expor essas diferentes visões concedidas à metáfora podem orientar o leitor no que diz respeito às diferentes linhas de pesquisa sobre essa figura de linguagem, ao mesmo tempo que rompe com a herança de considerar a instância metafórica como um ornamento exclusivo de subjetivação, vinculado primordialmente à criação literária.

de tudo, em relação à palavra que o sentido é definido [...]”. Em outros termos, é por meio da mobilização do sentido predicado pelo enunciado que a palavra se modaliza, se adapta ao contexto discursivo.

Tendo isso em vista, a psicanálise lacaniana se apropria desse fundamento do *tropo* discursivo para estruturar as noções relacionadas à supremacia do significante. Como exposto na seção 2.2.2 deste trabalho, Lacan (1998) se apropria dos *tropos* discursivos como modo de reorientação concedida ao trabalho do sonho formulado por Freud. Por meio do processo de significação inerente à palavra, o psicanalista francês atribui a um desses processo - o da condensação - à metáfora.

A partir desse itinerário mais abrangente sobre o fenômeno metafórico, não detendo-se a conceitos fechados e ornamentais, diversas linhas de pesquisa passaram a se dedicar ao estudo desse *tropo* discursivo. O trabalho publicado por Lakoff e Johnson (2002) atribui a essa figura do discurso um significado que transcende o simples valor estilístico.

Tal qual Jacques Lacan reorientou a análise clínica atribuindo a primazia ao significante saussureano, George Lakoff e Mark Johnson atribuem à metáfora a função reguladora de todo nosso sistema conceitual. Quer dizer,

os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição da nossa realidade cotidiana (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46).

Ou seja, é por meio dessa rede conceitual norteadora de nossos pensamentos que a figura metafórica insurge de modo a estruturar concepções que, em outra via, dificultariam a nossa apreensão. Desse modo, nas palavras de Lakoff e Johnson (2002, p. 57), “[...] quando dizemos que um conceito é estruturado por uma metáfora, queremos dizer que ele é parcialmente estruturado e que ele pode ser expandido de algumas maneiras e não de outras”.

Assim sendo, e aliando aos conceitos lacanianos sobre a primazia do significante, é possível investigar, por intermédio dos efeitos do significante (como se verá nas próximas seções), a metáfora do sentimento do medo se estabelecendo como um dos mecanismos fundamentais do nosso constante processo de significação cotidiano.

3.1 Mecanismos do inconsciente e efeitos do significante

Um dos primeiros casos exemplificados por Jacques Lacan a fim de sustentar a tese do tropo discursivo incluso no processo de análise do sujeito na clínica psicanalítica foi a denominada *Metáfora paterna* (ou Nome-do-Pai). Partindo da concepção da condensação metafórica e sua função de substituição significante, esse fenômeno designa o “[...] reconhecimento de uma função simbólica, circunscrita no lugar de onde se exerce a lei. Esta designação é um produto de uma metáfora” (DOR, 1989, p. 92). De modo a elucidar esses termos, tomando por base a análise da relação entre os pais e o filho recém-nascido, este, ainda apegado à mãe, reconhece simbolicamente no pai um “adversário”, competindo com ele, pois, na disputa do falo¹³ materno.

Nessa perspectiva, a supremacia do significante permite a este se libertar do significado comumente atrelado (como é no signo linguístico de Saussure). Logo, no processo metafórico, a exemplo da metáfora paterna, “na medida em que a metáfora mostra que os significados extraem sua coerência unicamente da rede dos significantes, o caráter desta substituição significante demonstra a autonomia do significante em relação ao significado” (DOR, 1989, p. 43). Isto é, a figura metafórica, quando relacionada ao conceito linguístico de tropo, ilustra, para a psicanálise lacaniana, o fato de o seu significado se atrelar à concepção que o significante adquire conforme o discurso enunciado pelo sujeito, sendo o significante o modalizador do contexto frasal.

Corroborando essa assertiva, em “A instância da letra no inconsciente ou A razão desde Freud”, Lacan (1998, p. 508, grifo do autor) fundamenta a relação que as cadeias significantes proporcionam na configuração do tropo discursivo. Segundo o psicanalista francês, as figuras de linguagem, em especiais a metáfora e a metonímia, representam os “mecanismos do inconsciente”, os quais possibilitam, entre os sujeitos enunciativos de uma mesma língua, a condição de “[...] expressar *algo completamente*

¹³ A definição de falo, para Lacan (1998, p. 697), passa pelo fato dele ser “[...] um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante”.

diferente do que ela diz¹⁴". Ou seja, da relação que uma cadeia significante estabelece com outra cadeia significante emerge uma significação, podendo ser ela substitutiva (metáfora) ou relacional (metonímia), tendo como consequência o "efeito de verdade" durante o processo analítico.

Esse efeito de verdade, quando instaurado no discurso, estabelece, conforme denotam Dunker, Milán-Ramos e Paulon (2016, p. 160), discorrendo sobre o conceito de discurso em Lacan, um "[...] processo pelo qual recebo do Outro minha própria mensagem de maneira invertida. E esta vale como uma definição comensurável com a de inconsciente. Por isso Lacan afirma que o 'inconsciente é o discurso do Outro'". Quer dizer, estabelecendo uma correlação com a observação feita por Lacan sobre a metáfora do Nome-do-Pai, a partir do momento que a criança vê no pai um rival na disputa pela atenção da mãe, ela reage em consonância com o que é reverberado em seu interior: o perigo da perda de atenção e a consequente disputa por esta.

Dito isso, o efeito do significante se transfigura na maneira pela qual o significado é apreendido pelo sujeito e como este reage e, conseqüentemente, se expressa quando no momento de seu contato, seja consciente ou inconscientemente, com o objeto causador do falo simbólico. Este, resultado do processo de condensação oriunda da metáfora. Como se verá a seguir, esse momento de reação simbolizado pelo mecanismo metafórico, além de trilhar o campo psicanalítico, é capaz de ordenar, justamente pelos efeitos do significante, nossa orientação conceitual do cotidiano. Para isso, toma-se o discurso e a enunciação como extensões desse sistema definatório das ações humanas no dia a dia.

3.2 Metáfora e sentido: para além do estilo

Ao estudar problemas decorrentes da fala, como as afasias, Roman Jakobson corrobora ao observar a relação que a metáfora, assim como a metonímia, apresenta no código linguístico, respectivamente, de "similaridade", por possuírem posição e sentido próprios, e de "contigüidade", posto que se movimentam na enunciação. O objetivo dessa distinção, de acordo com o linguista, é que ao manipular esses dois

¹⁴ Como se verá na próxima seção, Lakoff e Johnson (2002) atribuem à metáfora um efeito de *experienciar* uma coisa em termos de outras. Na visão implementada por este trabalho, entendemos que passa pelo signo linguístico (o significante) os variados sentidos atribuídos a determinada inferência metafórica.

tipos de conexão “[...] (similaridade e contiguidade), em seus dois aspectos (posicional e semântico) – por seleção, combinação e hierarquização -, um indivíduo revela seu estilo pessoal, seus gostos e preferências verbais” (JAKOBSON, 1995, p. 38).

Diante disso, esse tropo reflete um enigma presente em cada sujeito, cuja decodificação se dá pela linguagem por meio da vazão do significante. Esse significante vazado deixa de possuir somente seu significado semiótico – como bem postula Jakobson - e adentra às possibilidades semânticas de predicação do enunciado, fazendo dele um contraste entre sentido e referência mediados pelo discurso numa relação constante não somente de substituição, mas de semelhança (RICOEUR, 2015). Por isso,

Nosso sistema conceitual comum, orientador de nosso pensamento e nossas ações, é, por natureza, metafórico. Compreende-se esse caráter metafórico da língua, quando se observa, no discurso, relações conceituais estabelecidas na composição de expressões, de enunciados e endereçados a referentes, quase sempre decodificados (DELL'ISOLA, 1998, p. 40).

Essas relações conceituais orientadoras do nosso pensamento são profundamente abordadas por Lakoff e Johnson (2002). Segundo os pesquisadores, por ostentar uma sistematicidade (tal qual o objeto da Linguística em Saussure), a figura metafórica emerge como uma fonte reguladora da nossa compreensão. Por isso,

uma vez que expressões metafóricas são ligadas a conceitos metafóricos de uma maneira sistemática, podemos usar expressões metafóricas linguísticas para estudar a natureza de conceitos metafóricos, e, dessa forma, compreender a natureza metafórica de nossas atividades” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 50).

Partindo desse pressuposto, Lakoff e Johnson (2002, p. 47-48, grifo dos autores) definem a metáfora como a essência de “[...] *compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*”. Através do *experienciar* e *compreender*, os pesquisadores ordenam o estudo desse tropo em três tipos, quais sejam: as metáforas estruturais, as orientacionais e as ontológicas. A primeira parte do princípio contextual em que está inserida a figura metafórica. Como exemplo disso, os autores abordam a metáfora do canal, na qual expressões linguísticas representam “*recipientes de significado*” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 55, grifo do autor). Quer dizer, frases como

“Eu lhe *dei* aquela ideia”, “Suas palavras *trazem* pouco significado” e “A frase está *sem* sentido”¹⁵, são conceitualmente metafóricos, comparando a ação da falta de significado à recipientes que ora estão cheios, ora estão vazios.

O segundo tipo de metáfora elaborada pelos estudiosos é a orientacional. De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 59), essa modalidade metafórica tem como objetivo dar a um conceito uma “orientação espacial”, ou seja, são termos pautados na direção e no sentido geográficos ao que é dito. De modo a exemplificar esse tipo de metáfora, os pesquisadores esmiúçam a tese de “*Feliz é para cima; triste é para baixo*”. Enunciados como “Aquilo *levantou* meu moral”, “Eu *caí* em depressão” e “Você está de *alto astral*”¹⁶ direcionam o sentido do que é dito ao espaço físico orientado pelo significado.

Por último, as metáforas ontológicas se baseiam no modo como concebemos “[...] eventos, atividades, emoções, idéias etc. como entidades e substâncias” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 76). Isto é, essa modalidade de figura metafórica consiste no fato de atribuirmos significados a determinadas situações conforme a experiência que assimilamos destas. Como exemplo, os autores partem de inferências com as quais resultam em vários desdobramentos, tais como: “*Mente é uma máquina*”. Frases como “A minha mente simplesmente não está *funcionando* hoje”, “Estou um pouco *enferrujado* hoje” e “Ainda estamos *remoendo* a solução para essa equação”¹⁷ denotam significações (sempre pautadas no significante *máquina*) que predicam a situação enfrentada de modo comparativo a um instrumento mecânico.

Assim sendo, os teóricos assumem a metáfora como efeito da nossa experiência sociocultural, distando-se, dessa forma, da simples figura ornamental e categórica. Para Lakoff e Johnson (2002, p. 129), “[...] toda a nossa experiência é totalmente cultural e que experienciamos o ‘mundo’ de tal maneira que nossa cultura já está presente na experiência em si”. Ou seja, nossa concepção comum é apreendida pela experiência, contextualizada no ato enunciativo e apreendida pelo viés metafórico.

A maneira como Lakoff e Johnson (2002) categorizam as experiências proporcionadas pela apreensão metafórica dos fatos do cotidiano nos ajudam a compreender os efeitos do significante e do próprio signo linguístico, à medida que os

¹⁵ Exemplos excertados de Lakoff e Johnson (2002).

¹⁶ Op cit.

¹⁷ Op cit.

desdobramentos causados pelas inferências metafóricas representam o modo como o indivíduo apreende, ressignifica e reage à realidade a sua volta, atribuindo significações que melhor orientam nosso entendimento sobre os fatos da vida (similar à metáfora paterna, trabalhada na seção anterior).

Diante do exposto, esta importante figura do discurso nos oferece subsídios para analisarmos os efeitos que o significante pode estabelecer na construção de sentidos em um texto. Logo, uma das maneiras de identificar esse constante processo de significação por meio da decodificação metafórica é a análise, que se seguirá na próxima seção, do sentimento de medo, suas definições, e como ele se expressa no atual contexto pandêmico que vivenciamos.

3.3 Aspectos teóricos sobre o sentimento de medo

Ao longo dos séculos, um sentimento comum a toda humanidade foi, aos poucos, deixando de ser restrito aos lares, às comunidades, instituições, quiçá países inteiros: o medo. Quebrando vários tabus e dando um pontapé inicial aos estudos relacionados a essa temática, o historiador Jean Delumeau (2009), na obra *História do medo no ocidente*, discorre sobre as principais aflições que acometeram a população ocidental no decorrer do tempo, desde as aventuras dos desbravadores dos mares às piores crises sanitárias da história.

A partir da definição de medo adotada pelo pesquisador francês, cuja característica é relativa a “[...] uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação” (DELUMEAU, 2009, p. 30), o historiador investiga os principais acontecimentos que desvelaram na humanidade a menos heroica das paixões humanas (DELUMEAU, 2009). Segundo Delumeau (2009, p. 32), o medo social evocado

[...] ganha então um significado menos rigoroso e mais amplo do que nas experiências individuais, e esse singular coletivo recobre uma gama de emoções que vai do temor e da apreensão aos mais vivos terrores. O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária).

Essas ameaças, por sua vez, eram, de certa forma, estimuladas e potencializadas por instituições, principalmente as eclesiásticas, entre os séculos XIV

e XVIII, com o intuito de promover os caminhos para a salvação humana e, conseqüentemente, a adesão em massa a determinada religião. Um dos primeiros e principais exemplos citados por Delumeau (2009) sobre essa apropriação e disseminação do sentimento do medo coletivo por parte de terceiros é o incentivo, segundo o historiador, à onipresença deste.

Essa onipresença do medo no seio da vida social tinha como mote a intensificação, através de discursos dos principais líderes e pensadores da época, de uma mentalidade coletiva na qual incitava o medo por meio da ameaça. O mar, o culto à figura do rei, o constante olhar posto sobre as atitudes do vizinho, a supremacia de determinada religião, e a tendência astrológica do destino individual surgiam como exemplificações concretas, citadas por Delumeau (2009), de como o mundo ocidental estava à mercê de um medo coletivo que atemorizava constantemente vida e o futuro individuais.

Correlacionando a atual pandemia do Coronavírus comparada às pestes que vitimaram – de igual maneira – milhares de pessoas em séculos passados, é possível perceber, sem ostentar um rigor totalmente anacrônico da questão, diversas semelhanças no que diz respeito ao sentimento de medo intensificado nas sociedades anteriores que vivenciaram esses tipos de crise. Em harmonia com Delumeau (2009, p. 179), analisando, por meio de relatos escritos de cidadãos dessa época, as inúmeras problemáticas sanitárias ocorridas entre os séculos XIV e XVIII, entre elas a peste bubônica (vide peste negra), varíola, cólera etc., as quais dizimaram, principalmente a primeira, boa parte da população medieval do ocidente, o pesquisador conclui que “o tempo de peste é o da solidão forçada”, haja vista a

interrupção das atividades familiares, silêncio da cidade, solidão na doença, anonimato na morte, abolição dos ritos coletivos de alegria e de tristeza: todas essas rupturas brutais com os usos cotidianos eram acompanhadas de uma impossibilidade radical de conceber projetos de futuro, pertencendo a ‘iniciativa’, doravante, inteiramente à peste (DELUMEAU, 2009, p. 182).

Ou seja, as doenças pandêmicas ao longo da história, além de amedrontar a sociedade em virtude da presença de um perigo externo mortal, redimensionam o olhar sob o interior do indivíduo, apartado de sua convivência com o meio, tendo seu hábito drasticamente modificado em prol de salvaguardar sua própria vida. Esses períodos de alteração no convívio social podem levar o sujeito a sequelas duradouras.

Essas sequelas, resultantes, sobretudo, do sentimento de medo, à nível individual, começaram a ter uma análise mais apurada da literatura científica¹⁸. Por revelar insegurança, o sujeito busca meios de autoproteção, como a fuga e/ou a distração, a fim de se desvencilhar do causador desse sentimento de angústia, que, consoante Freud (2014, p. 521), “[...] nos parece bastante racional e compreensível. Diremos que é uma reação à percepção de um perigo externo, ou seja, de um dano esperado, previsto [...]”.

A atual pandemia da COVID-19, intensificada entre o final de 2019 e primeiro semestre de 2020, potencializou esse sentimento na humanidade. O confinamento obrigatório (na maioria dos países atingidos) provocou na população a sensação de ansiedade pela volta à normalidade de forma bastante significativa, a ponto de algumas pessoas negarem a existência do vírus e seguirem as ações cotidianas normalmente. À medida que essas perspectivas diminuía, o sentimento de medo, de angústia, aumentava. Isso é explicado, de acordo com Freud (2010, p. 21), pelo fato da interrupção abrupta daquilo que nos deixa plenamente satisfeitos, como o prazer de uma reunião entre amigos e familiares e/ou de um gesto de carinho. Segundo ele,

o sofrer nos ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que, fadado ao declínio e à dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e, por fim, das relações com os outros seres humanos.

A partir dessa perspectiva angustiante em que a humanidade atravessa, surgiu a necessidade de canalizar, por parte da população, toda a angústia decorrente da nova rotina causada pela pandemia. Conforme observa Sayeg-Siqueira (2015, p. 175), discorrendo sobre a enunciação do medo, esse sentimento pode despertar

[...] tanto uma condição de fuga quanto de luta, para superá-lo; tanto de sofrimento quanto de alegria, ao reprimi-lo; tanto de desconforto quanto de prazer, ao dominá-lo; tanto de empobrecimento quanto de conhecimento, ao transformá-lo de prejuízo em qualidade.

¹⁸ Por motivos metodológicos, optamos por abordar o sentimento de medo segundo o escopo epistemológico da Psicanálise.

Quer dizer, na mesma proporção em que enfrentamos um medo, extraímos dele duas perspectivas: a da coragem em enfrentá-lo e da reação ao resultado desse confronto. A pandemia do Coronavírus nos colocou frente a frente com um perigo invisível a qual resultou na mudança completa de nossos hábitos comportamentais. Tendo em vista esse viés, a maneira como expressamos nosso enfrentamento e nossa ação para com esta crise sanitária são simbolizados por atos que vão além dos seus simples significados correntes.

Alguns dos significantes acionados pelo sentimento de medo são identificados pelos desdobramentos que o contexto pandêmico proporciona, tais como os usos de álcool em gel e máscaras faciais, e o isolamento e distanciamento sociais, os quais atingem diretamente o imaginário coletivo da população no que diz respeito ao medo da infecção pelo vírus.

Esses três símbolos são capazes de representar, conforme observa Lacan (1998), dissertando acerca da função e campo da fala e da linguagem na Psicanálise, os efeitos que o significante causa no sujeito enunciativo em sua relação de intersubjetividade com o Outro. Ou seja, é no 'discurso do Outro'¹⁹, como afirma o psicanalista francês, que o inconsciente se constitui. Essa relação, no tocante à atual pandemia do Coronavírus, é pautada na constante incitação aos cuidados preventivos, que, por sua vez, entendemos que provoca, também, o comportamento intuitivo frente à iminência de um perigo, característica essa marcante do sentimento de medo.

Logo, como bem afirma Lacan (1998, p. 470), no que concerne ao ordenamento do significante na relação entre sujeito e significação, "[...] a determinação simbólica [...] deve ser considerada, antes de mais nada, um fato de sintaxe, se quisermos apreender seus efeitos de analogia. Pois esses efeitos se exercem do texto para o sentido, longe de impor seu sentido ao texto". Ou seja, a linha norteadora para o registro de verdade - acesso ao inconsciente - se dá por meio da significação registrada pelo significante, acionado, por sua vez, através de processo simbólico em via da linguagem.

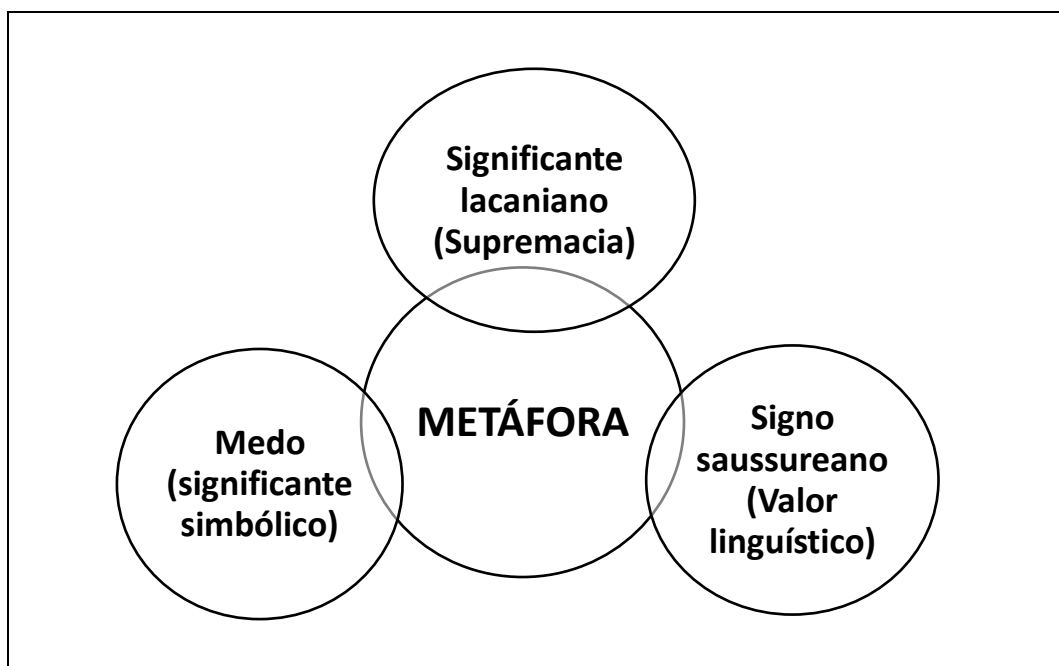
¹⁹ O 'discurso do Outro' proposto nessa subseção não se assemelha de todo ao postulado por Mikhail Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2014). Enquanto este considerava o 'Outrem' responsável pela unidade da língua por meio do processo enunciativo dialógico, aquele trata o Outro como processo discursivo exposto em entrelinhas, desvendando, assim, o inconsciente.

Esse simbolismo proporcionado pelo significante que aciona o sentimento de medo pode ter uma de suas vias direcionadas diretamente ao objeto simbólico. No caso analisado neste trabalho, ao vírus da COVID-19 e todos os seus efeitos e consequências. Um dos registros produzidos para conotar essa doença ao nível simbólico se dá através da metáfora.

A escritora estadunidense Susan Sontag (1984, p. 29-30), na obra *A doença como metáfora*, trata justamente da maneira como pacientes portadores de enfermidades como o câncer e tuberculose lidam com essas moléstias e como a sociedade trata das significações concedidas a quem está acometido por estas. Segundo a pesquisadora, o comportamento individual perante uma doença é definido por “seu potencial de excesso” transmitidos por via da metáfora. Quer dizer, o simbolismo da doença não se define pelo ato de contrair (como no caso do Coronavírus), mas em sua capacidade, a médio e longo prazo, de causar efeitos danosos ao indivíduo, alimentando, diante disso, o sentimento de medo.

Contudo, como podemos identificar, por meio desses fatos elencados, o significante que denota o sentimento do medo da COVID-19 despertado na população? Com o intuito de melhor exemplificar e dialogar com o percurso teórico até aqui exposto, o quadro a seguir mobiliza as teorias utilizadas na presente pesquisa de modo a confluir na constituição da metáfora do medo:

Quadro 04 – Teorias mobilizadas em torno da figura metafórica



Fonte: Elaboração nossa.

Muito além do seu sentido estilístico, a metáfora é capaz de mobilizar as teorias focalizadas neste trabalho (signo e significante) sob a égide dos efeitos do significante. A sistemática saussureana, principalmente em consonância com a tese do valor linguístico proposto pelo mestre de Genebra no CLG, cujo princípio parte da relação que o signo estabelece com outro signo e disso resulta seu processo de significação concedido, por sua vez, pelo uso social, serviu como ponto de partida de (res)significação da instância metafórica.

Ao estabelecer que um signo só viabiliza sentido em contato com outro signo, Saussure (2012) subsidiou a tese, *sui generis*, de que determinado termo é capaz de coordenar uma rede intrínseca de significações. Nesse sentido, o sistema simbólico elaborado por Hjelmslev (1975) – baseado no signo saussureano – corrobora esse fato ao sustentar o valor da língua explicada por ela mesma, de modo a buscar um sentido de significação natural inerente ao próprio sistema (ou estrutura, em termos hjelmslevianos).

A partir dessa imanência postulada por Louis Hjelmslev, Jakobson (1995) foi além e analisou esses processos simbólicos pelo ponto de vista do código linguístico, da sua expressão. Com base nos estudos sobre a afasia somadas à sistemática saussureana, o linguista russo diagnosticou a presença dos dois eixos fundamentais da linguagem (similaridade e contiguidade) como linhas norteadoras do sentido concedido ao enunciado.

O estudo das significações da língua encontrou em Émile Benveniste acréscimos que seriam a linha condutora para Jaques Lacan, posteriormente, redirecionar a visão sob o signo saussureano. Discorrendo sobre a forma e o sentido na linguagem, o linguista francês preconiza uma autonomia ao significante saussureano pela razão deste não ser “[...] apenas uma sequência dada dos sons que a natureza falada, vocal, da língua exigiria; ele é a forma sonora que condiciona e determina o significado, o aspecto formal da entidade chamada signo” (BENVENISTE, 1989, p. 225), concluindo que

o sentido de transmitir, ou se se quiser, a mensagem é definida, delimitada, organizada por meio das palavras; e o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto de situação. Ora, as palavras, instrumentos da expressão semântica, são materialmente os signos do repertório teórico (BENVENISTE, 1989, p. 232-233)

Ou seja, ao inferir a dualidade existente entre semiótica e semântica no âmago da língua, Benveniste (1989) coordena esses elementos, ao mesmo tempo, como mecanismos cooperativos que resultam no processo de significação, tanto à nível da palavra em si como da frase, dimensionando-os em sua conjuntura contextual. Logo, com os estudos sobre a subjetividade na linguagem, realizados pelo linguista francês, o código jakobiano e o signo saussureano materializaram um decisivo passo para seu estabelecimento na concretude das análises linguísticas. A significação formulada por Benveniste (1989) somada ao estudo do fator cultural (BENVENISTE, 1995) conceberam determinante influência na alteração da significação procedente da língua, estabelecendo, desse modo, a Linguística como um dos polos principais não somente das Ciências Humanas, mas das Ciências Naturais (vide Psicanálise).

O significante lacaniano, claramente influenciado pelos ideais advindos da Linguística (LACAN, 1998), reorientou toda a prática psicanalítica herdada de Sigmund Freud. Ao estabelecer a supremacia do significante sobre o significado (algo já previamente dimensionado por Benveniste, como vimos, mas não em termos psicanalíticos), contradizendo o postulado do mestre genebrino, Lacan (2008) afirma que o processo de significação e sua recepção pelo locutor passa primordialmente pelo significante, este modalizado pelo discurso do enunciador. Ou seja, o processo de significação geral do signo linguístico, em seu recorte sincrônico, é modalizado pelo significante, que encaminha o significado à sua significação.

Uma das formas que suscita o entendimento da confluência de todas essas perspectivas originadas do signo saussureano é, para nós, a análise da figura metafórica. Tomando como base os tipos de metáforas conceituais orientados pela nossa experiência cultural, formulados por Lakoff e Johnson (2002), e os estudos sobre a evolução do conceito deste tropo discursivo, realizado por Ricoeur (2015), dimensionamos os efeitos que o significante pode nos prestar em sua relação linguístico-simbólica de discursivização. Um dos resultantes dessa relação pode ser identificado justamente nos efeitos do significante, por meio do sentimento de medo.

Partindo do pressuposto da conceituação sobre o sentimento de medo, elaborado por Freud (2010, 2011a, 2011b, 2014) como a reação à percepção de um perigo externo, ao preconizar que a função da falta – constituinte dos aspectos que levam à angústia e/ou ao medo – é determinada primordialmente por via simbólica, sendo ela “[...] radical na própria constituição da subjetividade, tal como esta nos aparece por via da experiência analítica” (LACAN, 2005, p. 149), a tese lacaniana

admite a inserção da intersubjetividade inerente ao signo, já prescrito por Benveniste (1989), que, por sua vez, é sustentada pela teoria do valor linguístico saussureano e a dos eixos da linguagem jakobiano pelo fato de levar em consideração a situação comunicativa que envolve o sujeito da enunciação.

Diante dessas condições, no próximo capítulo, tratamos dos preceitos metodológicos que norteiam a pesquisa, com destaque para o *corpus* de amostragem selecionado para observar essa profusão de significações inerentes ao signo: o meme.

4 DA CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA AOS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão discutidos aspectos teórico-metodológicos da pesquisa, bem como questões envolvendo o atual contexto da pandemia do Coronavírus no Brasil. Além disso, discorreremos sobre surgimento dos estudos meméticos a partir de Dawkins (2007) até a sua evolutiva gradação em aspectos discursivos e sociológicos, estes tendo como base fundamental a obra *A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital*, organizado por Viktor Chagas (2020).

4.1 A pesquisa

Esta pesquisa se fundamenta na interface entre os postulados linguísticos e psicanalíticos, considerando, para isso, o conceito de signo linguístico, com a finalidade de compreender os aspectos que circundam a metáfora do medo no processo de construção de sentidos do gênero textual meme sobre a COVID-19 no contexto brasileiro.

Com base nesse propósito investigativo, recorreremos às palavras de Godoy (1995, p. 21), que nos autoriza a afirmar que o presente estudo é de abordagem qualitativa com base documental, uma vez que “[...] representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas”. Por conseguinte, de acordo com os apontamentos de Gil (2002), a pesquisa adquire um caráter exploratório de âmbito bibliográfico, por se constituir também de um repertório de outros trabalhos de pesquisa envolvendo Linguística e Psicanálise, como Almeida (2004), Costa (2006) e Rocha (2010), com o propósito de aprimorar as ideias já existentes nessas e em outras investigações, com a inserção do escopo epistemológico envolvendo os estudos sobre a metáfora e o gênero meme.

A seguir, tratar-se-á sobre a conjuntura da pandemia à nível nacional, do seu surgimento ao primeiro caso registrado em solo brasileiro, levantando dados sobre os números do Coronavírus no mundo e, principalmente, no Brasil.

4.2 O contexto pandêmico

Até o exato momento em que este texto foi escrito, os números da COVID-19 no mundo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS)²⁰, são de 180.654.652 casos e 3.920.463 mortes. No Brasil, conforme divulgado pelo consórcio de veículos de imprensa²¹, o número de casos confirmados supera a marca de 18 milhões (18.417.113), tendo mais de 500 mil mortes (513.544) com uma média móvel de óbitos diários em 1.661 pessoas.

Esse quantitativo denota uma das maiores tragédias sanitárias enfrentadas pelo planeta neste século. Em âmbito nacional, o Coronavírus ultrapassou o número de mortes de outra pandemia que assolou o Brasil no início do século XX: a gripe espanhola. Nesse sentido, as 513.544 mortes causadas pela COVID-19 ressaltam não somente a catástrofe na saúde pública que aflige o país neste momento, mas as consequências oriundas da imprudência daqueles que desacreditam a gravidade desse vírus.

O primeiro caso de infecção pelo novo Coronavírus – este cientificamente denominado SARS-CoV-2 – foi registrado na cidade de Wuan²², na China, em dezembro de 2019. Com sintomas similares à Síndrome Respiratória Aguda Grave (SARS) - doença viral que afeta gravemente o sistema respiratório do indivíduo infectado, podendo leva-lo à morte caso não obtenha tratamento adequado - o atual vírus, podendo ser expressado por meio de febre, tosse seca e cansaço, adquiriu *status* mais resistente e infectocontagioso, rapidamente se espalhando pelo mundo, renovando paulatinamente os números de infectados e vítimas²³.

No Brasil, o primeiro caso foi registrado na cidade de São Paulo, em fevereiro de 2020. Desde então, os números no país só aumentam. Dentre os grupos mais suscetíveis ao vírus, de acordo com os estudos realizados por diversos centros de pesquisa ao redor do globo, estão os idosos e portadores de doenças crônicas – classificados como grupo de risco -, haja vista compreenderem significativa parcela no número óbitos registrados desde o início da pandemia.

²⁰ Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019> Acesso em 28 jun. 2021.

²¹ Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/> Acesso em 28 jun. 2021.

²² Até o momento, acredita-se que o vírus se originou na cidade Wuan. Contudo, inúmeras investigações são realizadas com o intuito de averiguar a procedência do verdadeiro epicentro da COVID-19. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/05/25/o-que-ja-se-sabe-sobre-a-origem-da-covid-19> Acesso em 28 maio. 2021.

²³ Informações disponíveis em <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019> Acesso em 28 maio. 2021.

As formas de infecção por Coronavírus se dão, conforme a OMS²⁴, principalmente “[...] por meio de gotículas geradas quando uma pessoa infectada tosse, espirra ou exala. Essas gotículas são muito pesadas para permanecerem no ar e são rapidamente depositadas em pisos ou superfícies”. Por conseguinte, ainda segundo a entidade, podemos ser infectados ao inalar o vírus se estivermos próximo a alguém portador da COVID ou ao tocarmos em uma superfície contaminada e, em seguida, passarmos as mãos nos olhos, no nariz ou na boca.

Diante desse cenário e levando em consideração a superlotação de hospitais ao redor do mundo em decorrência da COVID-19, as medidas protetivas sancionadas pela maior parte dos Nações – orientadas e incentivadas pela OMS²⁵ – são, dentre elas, o uso de máscaras faciais (quando da necessidade de sair da quarentena obrigatória), uso intensivo do álcool em gel, limpeza constante das mãos com água e sabão e o distanciamento social em locais públicos.

Além disso, diversos países adotaram como medida extrema o *lockdown*, termo que designa um protocolo de isolamento intensivo o qual impede o movimento de pessoas e cargas no espaço urbano ou fora dele, com o intuito de diminuir o número de infectados, internações e de mortes.

Como modo de intensificar as orientações apontadas pela OMS, diversas redes de comunicação passaram a incluir em seu inventário constantes informações sobre a *SARS-CoV-2*, com o objetivo de auxiliar a população na prevenção e nos cuidados contra a infecção. Com efeito, algumas redes sociais da internet, como o *Twitter*, *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp*, ajudaram a potencializar as recomendações orientadas pelos órgãos de saúde devido ao seu alto grau de alcance e compartilhamento das informações sobre a pandemia. Desse modo, a irreverente linguagem adotada por esses meios digitais auxiliou na apreensão rápida e eficaz, por diversas comunidades discursivas, das consequências causadas pela COVID-19, tendo como principal símbolo desse engajamento o meme.

As reflexões provenientes do momento pandêmico possibilitaram a produção de diversos trabalhos envolvendo o processo de subjetivação causado pelos efeitos do vírus, como Fonseca (2020), que trata do recolhimento na pandemia como modo de ressignificação de valores pessoais, e Carvalho *et al* (2020), os quais abordam a

²⁴ Op. cit.

²⁵ Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public/when-and-how-to-use-masks> Acesso em 28 maio. 2021.

metáfora como ferramenta principal de subjetivação do Coronavírus pela população, utilizando como exemplo os resultados de encontros virtuais realizados em grupos terapêuticos e, também, a observação de memes que circulam na internet. Além disso, a pesquisa de Carvalho (2018) – não propriamente relacionado à pandemia - vai em encontro com a proposta firmada nesta Monografia: ele analisa o papel das ‘metáforas meméticas’ na luta de classes, examinando memes sobre a greve geral que dividiu opiniões no Brasil no ano de 2018.

4.3 Contextualização do *corpus*: aspectos do gênero meme

O medo do vírus da COVID-19 pode ser observado por meio de uma outra “viralização”: a dos memes. Ao longo da última década, esse gênero emergente tem recebido importante atenção da academia, pois representa o que há de mais genuíno no processo de discursivização sobre determinada temática. Trabalhos como os de Amoêdo e Soares (2018), Cani (2019) e Botta e Guerra (2017) discutem o meme como recurso multimodal e sua inserção como gênero textual, tendo em vista a capacidade de compartilhamento e de interação entre a comunidade discursiva que esses textos podem estabelecer.

Esse fenômeno da era digital representa, ao mesmo tempo, a ironia, o desejo, o sarcasmo, a sátira, através da associação entre linguagem verbal e não-verbal em imagens, com um tom, na maioria das vezes, paródico, que simbolizam personagens, cenas e/ou atitudes rotineiras marcantes, as quais representam a cultura popular de uma região. Sobre esse novo gênero textual, Chagas (2020, p. 18) afirma que

se somos todos ou não filhos do caos, o fato é que os memes, sem dúvida nenhuma, são uma linguagem que veio para ficar. Nós vemos elementos marcantes dessa linguagem interpenetrando outros meios: a ficção televisiva, a publicidade, os quadrinhos e tantos outros.

É justamente devido a essa interpenetração eficaz dos memes que eles são capazes de atingir boa parcela da sociedade, principalmente entre os jovens, os quais usufruem desse recurso pela internet. Como não podia deixar de acontecer, os memes sobre a pandemia da COVID-19 se espalharam rapidamente pelo mundo digital. Neles, é possível identificar o teor do medo refletido pela metáfora adotada

aliada ao já irreverente caráter humorístico estabelecido por essa nova forma de linguagem.

Corroborando o exposto, Botta e Guerra (2018, p. 1862) comentam que a disseminação dos memes acontece por meio de determinados objetivos, como “[...] criticar, comentar, fazer rir, mostrar indignação ou espanto”. Além disso, a regularidade com a qual é possível observá-los permite que sejam facilmente reconhecidos pelo leitor e, em caso de reação positiva deste, seja compartilhado na internet.

A origem do vocábulo *meme* tem suas raízes fincadas em estudos relacionados ao genótipo humano, remontando, dessa maneira, às ciências biológicas. O precursor desses estudos foi o biólogo queniano Richard Dawkins (2007), através da obra *O gene egoísta*. De maneira a traçar uma espécie de herança cultural herdada de geração para geração através de um tipo de gene, batizado, primeiramente, de “mimeme”, e estabelecido pelo autor como “meme” (termo aproximativo com a palavra “gene”), o pesquisador apregoa que

da mesma forma como os genes se propagam no ‘fundo’ pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no ‘fundo’ de memes pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação (DAWKINS, 2007, p. 148).

Em outras palavras, é por meio da apreensão da cultura externa feita pelo indivíduo que este é capaz de transmitir para as futuras gerações, na dimensão interna, ou seja, genotípica e sexuada, as características de aspectos socioculturais que absorve. Logo, o estudo da transmissão, entre gerações, da cultura internalizada, denominada *memética*, tem como responsável o gene meme.

Baseado nas perspectivas elaboradas por Dawkins (2007) sobre a transmissão da cultura entre os seres sociais, diversos trabalhos se apropriaram da definição memética do cientista queniano, porém redefinindo-a de acordo com perspectivas sociológicas, não mais biológicas. Entre eles (CHAGAS, 2020), estão Daniel Dennett²⁶, incorporando a memética dawkiniana à filosofia da mente, Susan Blackmore²⁷, assumindo o estudo do meme por ele mesmo, distanciando-se da sua

²⁶ Mais informações em Chagas (2020).

²⁷ Op cit.

função biológica, e Limor Shifman²⁸, discorrendo sobre a bipartição dos estudos sobre o meme orientadas pelos vieses mentalista e comportamentalista.

A partir dessas novas compreensões sobre o meme se estabeleceram estudos que incluíam o gênero como uma representação efetiva da subjetivação da cultura de determinado grupo. Como bem observa Chagas (2020, p. 31),

os memes conservam, em relação ao conceito de enquadramento, o mesmo componente capaz de organizar a experiência humana por meio de representações coletivas. Mais do que isso, na forma como os conhecemos hoje, materializados como conteúdos que circulam pelas mídias sociais, eles partem do princípio da brincadeira e trazem embutidos elementos de metacomunicação ('isto é uma piada') explícitos na própria linguagem e estética propositadamente grosseira.

Diante desses aspectos metacomunicativos que cada vez mais se apresentam com regularidade nas plataformas digitais de comunicação, surge a necessidade de estudar essa linguagem sob a égide dos gêneros discursivos. Para tanto, conforme denota Bakhtin (2003, p. 265), discorrendo sobre os gêneros do discurso, "[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua". Ou seja, é a concretude dos enunciados expostos pela linguagem dos memes, explicado através do viés metacomunicativo, que a estabelece como um campo fértil de análises discursivas oriundas da comunidade.

Dito isso, Chagas (2020) categoriza os trabalhos na atualidade envolvendo o meme em onze vertentes²⁹, quais sejam: Sociologia e Filosofia; Psicologia, subjetividade e cognição; redes sociais, contágio e difusão; sociologia dos afetos e emoções; teoria da narrativa e linguagem; estética, design e cultura popular; *media literacy* e educação; comunidades virtuais e subculturas; marketing e consumo; internet e política; e outros trabalhos que não se enquadram nos tipos citados.

Assim sendo, na próxima seção, expomos, *a priori*, os procedimentos metodológicos da investigação, com destaque para os passos de construção e delimitação do *corpus* selecionado como objeto analítico na observação do fenômeno de estudos, bem como as razões para a escolha deste, com a finalidade de atender aos objetivos propostos na pesquisa.

²⁸ Op cit.

²⁹ Informações detalhadas em Chagas (2020).

4.4 Os procedimentos metodológicos

Os preceitos teóricos delineados para esta pesquisa, a saber, os linguísticos e os psicanalíticos, se concretizam no capítulo seguinte por meio da análise de cinco memes relacionados à temática da atual pandemia do novo Coronavírus. A escolha por essa quantidade de textos se configura, para nós, como uma espécie de amostragem para efetivar os pontos de vistas tratados neste trabalho na compreensão do fenômeno em estudo, qual seja: a metáfora do medo materializada nos memes. Esses textos, por sua vez, foram coletados a partir do *site* “Museu de Memes”, plataforma virtual coordenada por discentes e docentes do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), tendo como diretor e organizador o professor Viktor Chagas, autor que organizou a obra referencial *A cultura dos memes* (2020), utilizada neste trabalho monográfico. A função do *site* é coletar, monitorar e organizar referências bibliográficas relacionadas ao gênero meme, assim como manter em seus arquivos memes que circulam na internet, catalogando-os de acordo com a temática que envolvem.

Tomando como fundamento o conceito de meme, segundo Knobel e Lankshear (2020, p. 91), termo que designa “[...] a disseminação de uma ideia particular, apresentada como um texto escrito, imagem, ‘movimento’ de linguagem ou alguma outra unidade de ‘material’ cultural”, classificamos os memes encontrados em três categorias: aqueles que promovem o medo e/ou isolamento na pandemia, aqueles que satirizam as ações humanas durante o período pandêmico e os memes com temática política envolvendo as ações do atual governo para com a COVID-19.

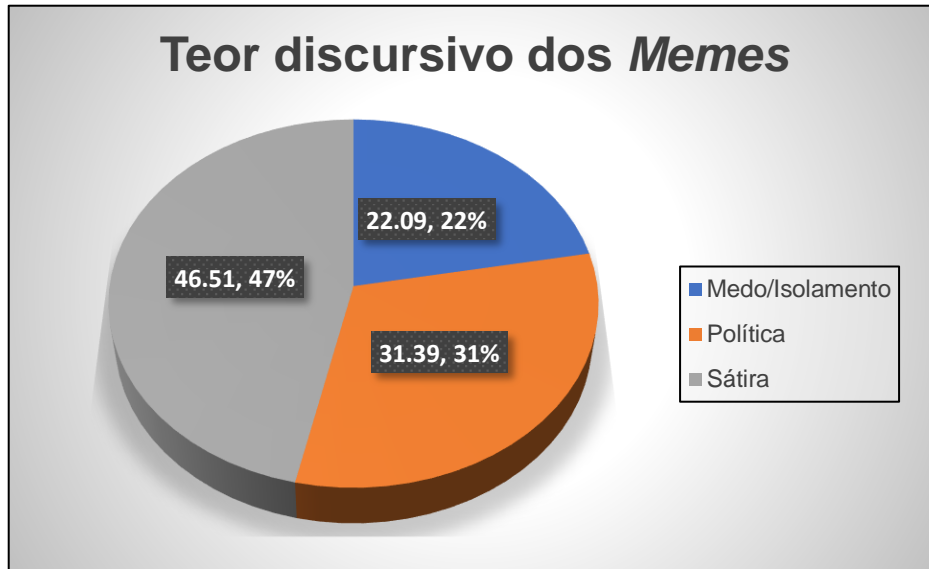
Assim, realizamos uma pesquisa minuciosa no *site* do museu dos memes³⁰, com o objetivo de identificar as temáticas que estes tratam na plataforma. Dessa maneira, quantificamos 86 memes no total, os quais retratam questões relacionadas ao Coronavírus, subdivididos em: 40 deles envolvendo sátiras sobre as ações humanas com relação à COVID-19; 27 sobre questões políticas abordando aspectos relacionados à pandemia e 19 versando sobre os cuidados preventivos e/ou distanciamento social de algum modo. O gráfico³¹ a seguir expressa esses resultados

³⁰ Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/>

³¹ Os percentuais especificados no gráfico subsequente têm como intuito ilustrar de modo explicativo o conteúdo encontrado em cada um dos memes observados.

de buscas, no site “Museu de Memes”, de memes que circularam entre os meses de abril e outubro de 2020, relacionados à pandemia do novo Coronavírus no Brasil:

Gráfico 01 – Porcentagens dos memes encontrados



Fonte: Elaboração nossa.

O gráfico apresenta o teor discursivo presente em cada um dos 86 memes visualizados no museu. Desses, cerca de 47% envolvem a sátira com relação às ações humanas diante da pandemia, 31% ironizam as atitudes do atual governo frente ao Coronavírus e 22% demonstram o medo da COVID-19, ora exemplificados por atos como os cuidados preventivos contra o vírus – como o uso constante de álcool em gel e máscaras faciais -, ora por incentivar as práticas de isolamento social, retratando o dia-a-dia – de modo irreverente e cômico – de quem obedece à quarentena. Decidimos escolher e analisar mais detidamente os memes que demonstram o medo da COVID-19 por ir ao encontro da proposta firmada neste projeto de pesquisa, qual seja: investigar como a metáfora do medo da pandemia é acionada por esse gênero discursivo na construção de sentidos.

Por razões teórico-metodológicas, elegemos o tema que contempla os cuidados preventivos para evitar a contaminação como um dos critérios de escolha dos memes. Essa seleção se deu por acharmos que, em tempos de pandemia, há a necessidade de investigar como esse fato inédito no atual século atinge o ser humano e como ele expressa sua reação/emoção ao se ver abruptamente distante daquilo que costumeiramente realizava em sua rotina.

A escolha se justifica, ainda, por observarmos a preocupação que a ciência e a maioria das autoridades governamentais revelam em combater e alertar à sociedade sobre a gravidade dessa pandemia. Por essa razão, as constantes campanhas de conscientização firmadas pela OMS promovem o incentivo ao distanciamento social e às práticas de higienização contra a proliferação do vírus da COVID-19 com intuito de diminuir o número de infectados e, conseqüentemente, de mortes. À vista disso, a construção de sentidos que o meme estabelece entra em consonância com esse clamor da ciência e das representações governamentais no combate à pandemia.

Consideramos ainda, por outro lado, que os memes possibilitam o desenvolvimento de uma análise reflexiva a respeito do fenômeno da metáfora pelo fato de visualizarmos, por meio das práticas discursivas, os posicionamentos acionados pela comunidade no processo de discursivização do tema. Logo, uma das formas de representação desses posicionamentos é transfigurado no meme, que, de acordo com os estudos expostos por Knobel e Lankshear (2020), representa uma das principais formas de interação entre a sociedade na contemporaneidade, possibilitando um maior alcance entre os usuários, uma vez que ele permite a exposição e o compartilhamento de pensamentos e pontos de vistas capazes de definir nossa ação para e com o mundo a nossa volta.

O meme é caracterizado por ser um texto que apresenta tom paródico, associando linguagem verbal e não-verbal, que, em conteúdo, varia da sátira para com determinado tema do cotidiano até um posicionamento político, possuindo forte viés humorístico e intertextual, pois representa um recorte da cultura local associada a temas histórico-sociais.

Tendo em vista o exposto, dentre os 19 memes identificados com a temática investigada nesta monografia, selecionamos cinco (observadas conforme a presença de uma metáfora que incita ora os cuidados, ora o medo da COVID-19) que melhor representam a proposta deste trabalho por utilizarem a metáfora como modo de construção de sentidos, acionando os significantes simbólicos (a máscara facial, o álcool em gel, o isolamento social, o medo da morte e a falta de perspectiva) que remete à prevenção e/ou consequência do Coronavírus.

A partir disso, os seguintes critérios foram estabelecidos para a seleção dos memes em estudo, a saber, os que:

- 1) Tratam, exclusivamente, da pandemia do novo Coronavírus;

- 2) Expressam medo seja pelo incentivo à proteção, seja pelas consequências que o vírus provoca nos infectados;
- 3) Revelam possibilidades de identificação das metáforas;
- 4) potencializam os efeitos que a pandemia provoca na sociedade;
- 5) Expressam os cuidados no combate à contaminação.

Para desenvolver a pesquisa, seguimos os seguintes procedimentos metodológicos: i) pesquisas na internet sobre memes e os temas mencionados; ii) buscas no *web site* “Museu de Memes”, iii) identificação dos memes expostos pelo museu; iv) seleção dos memes para compor os objetos analíticos da presente pesquisa; v) análise preliminar de alguns deles, com o intuito de observar a viabilidade desta investigação.

Posto isso, no capítulo seguinte, iniciamos as análises de memes que expressam o sentimento de medo da pandemia do Coronavírus no país, tendo como respaldo teórico-metodológico as perspectivas provenientes da Linguística e da Psicanálise.

5 SIGNO, METÁFORA E MEDO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Os memes analisados neste trabalho monográfico foram retirados da plataforma digital “Museu de Memes”, vinculado à Universidade Federal Fluminense (UFF), coletados ao longo do mês de dezembro de 2020 e primeiro trimestre de 2021. São textos de grande circulação nas redes sociais em meio à pandemia do novo Coronavírus no Brasil. Analisar-se-á, pois, a metáfora do medo da COVID-19 acionada por cada significante presente nestes textos.

Discorreremos, primeiramente, partindo da identificação e categorização da metáfora utilizada na imagem, tendo como escopo teórico os estudos realizados por Lakoff e Johnson (2002) e Ricoeur (2014), para assim depreender o significante simbólico acionado pelos textos. Em sequência, observamos como o sentimento de medo é mobilizado pelo significante empreendido na metáfora expressa pelo meme. Para isso contamos com o embasamento de teorias relativas ao significante psicanalítico e ao medo, provenientes de Jaques Lacan (1998, 2005, 2008), Freud (2011a, 2011b, 2014) e Sontag (1984).

O primeiro meme em análise aguça a nossa curiosidade quando menciona uma das principais pinturas renascentistas do artista italiano Michelangelo, intitulada “A criação de Adão”, presente no teto da capela sistina, em Roma. Nele, Deus é representado como um idoso cercado por anjos no momento da criação do primeiro ser humano (Adão). Nessa readaptação, diante da pandemia do novo Coronavírus, ao invés do memorável dedo indicador da criação, tem-se a oferta do álcool em gel de Deus a Adão:

Meme 1: A Criação do Álcool em Gel



Fonte: <https://www.museudememes.com.br/quando-o-viral-vira-meme-a-propagacao-do-coronavirus-na-internet/>

O processo de significação presente nessa imagem parte de uma famosa pintura amplamente conhecida, relacionando-a com a atual situação pandêmica em que o mundo vivencia. A metáfora acionada por essa figura, de acordo com os pressupostos categorizados por Lakoff e Johnson (2002), é classificada como ontológica, visto que concebe uma visão direcionada ao objeto metafórico (álcool em gel) denegando-lhe a função de entidade ao relacioná-lo ao contexto bíblico retratado, atribuindo-lhe, assim, um aspecto de valor primordial, o qual orienta nossas atividades, ideias e emoções.

Ao destacar o álcool em gel como elemento oferecido por Deus a Adão, a imagem aciona um processo de simbolização que visa atingir, conforme observa Ricoeur (2014, p. 354), dissertando sobre a teoria denotativa da metáfora, uma verdade, que é conveniente “[...] tanto para as artes como para os discursos”. Essa verdade, contextualizando ao objetivo proposto pelo meme, tem o intuito de alertar o interlocutor sobre a necessidade de se prevenir contra o vírus, tendo como insígnia a recorte do álcool em gel.

Nesse sentido, o significante ‘álcool em gel’ se descola do seu sentido comumente utilitário de limpeza e adquire um efeito que transcende seu simples significado de proteção, tornando-o um objeto capaz de salvar vidas nesse momento.

Esse deslocamento de significação é explicado por Lacan (2008) como o efeito da ordem do Real (no caso analisado, equivalente à verdade metafórica) proporcionado pela perspectiva com a qual o sujeito faculta o olhar elidido ao objeto. Segundo ele, “em nossa relação com as coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite, de piso para piso [...]” (LACAN, 2008, p. 76). Esse objeto translocado entre as camadas de significação é resultado do modo como o sujeito recebe tal objeto em sua aceção.

Logo, o sentimento de medo da pandemia é provocado nessa imagem como uma reação na qual, ao mesmo tempo que tenta estimular o vínculo entre defesa e proteção da vida, exhibe a manifestação de um perigo externo, em consonância com a definição de medo apontada por Freud (2014), que atinge o sujeito em sua dimensão interna, fazendo-o salvaguardar a si mesmo das consequências provenientes da infecção, como a internação e/ou a morte.

Corroborando o exposto, Lacan (1998), tecendo comentários sobre os tratamentos relacionados à psicose, afirma que é no íntimo do sujeito que se revelam as condições necessárias para que uma verdade – no caso analisado, a metáfora do medo – seja materializada por ele (sujeito) aludindo ao significante. Ou seja, é no simbolismo proporcionado pelo álcool em gel, significante materializado nesse meme, que a metáfora do medo intervém no sujeito interlocutor. Podemos notar outra via ofertada pelo significante simbólico: o estímulo ao uso das máscaras faciais, como será abordado no próximo meme.

Convém salientar que as comunicações virtuais dominam amplamente as interações no mundo moderno. Com a pandemia da COVID-19, devido ao confinamento obrigatório, essa comunicação se expandiu ainda mais e se tornou uma das ferramentas fundamentais de interação no dia a dia da maioria das pessoas. No segundo meme que compõem as nossas análises, há a representação de uma das formas dessa interação virtual: os *emoticons*, também chamados de *emojis*. Esse aspecto não verbal da linguagem visa a simbolizar o estado emotivo do locutor, se está feliz, triste, irritado etc. Contudo, em tempos de pandemia, até os *emojis* precisam se adaptar aos cuidados relativos à prevenção contra o vírus, como o uso das máscaras faciais. Vejamos o meme, a seguir:

Meme 2: Emojis mascarados



Fonte: em: <https://www.museudememes.com.br/quando-o-viral-vira-meme-a-propagacao-do-coronavirus-na-internet/>

Utilizando-se de mais uma metáfora visual, esse meme, ao fazer uso de uma das comunicações não-verbais mais utilizadas na contemporaneidade entre sujeitos discursivos de inúmeras comunidades, emprega as metáforas orientacionais, que, de acordo Lakoff e Johnson (2002, p. 65), tem como intuito oferecer um direcionamento espacial à um determinado conceito, arraigado pela “[...] experiência física e cultural”. Ou seja, a reação de qualquer *emoticon*, o qual visa simbolizar o estado emotivo do locutor, é orientada conjuntamente ao atual contexto pandêmico, representado pela utilização, entre todos eles, da máscara facial.

Dessa maneira, Ricoeur (2014, p. 291), desenvolvendo reflexões sobre o estudo da iconicidade da metáfora, sustenta que ela “[...] ‘infunde’ no coração da situação simbolizada os sentimentos ligados à situação que simboliza”. Quer dizer, a figura metafórica tenciona demonstrar o contexto, de modo transfigurado, que envolve os sujeitos da enunciação e, a partir disso, como estes reagem ao símbolo ao qual conotam em determinada situação. Esse símbolo, por sua vez, é representado, nesse meme, pela máscara facial utilizada pelos *emojis*.

O significante metafórico é acionado, por consequência, por intermédio do processo de simbolização representado pelo uso obrigatório da máscara facial nos atuais tempos de pandemia. Partindo da concepção de significante, trabalhada por Lacan (2008), como aquilo que representa o sujeito para outro significante, esse meme, ao introjetar as máscaras faciais aos *emoticons*, repercute o “[...] eco do significante” (LACAN, 1998, p. 472), exprimindo, dessa forma, o que Sigmund Freud intitula “sobredeterminação simbólica”. Esse fato consiste, nas palavras de Lacan (1998), como a relação que o sujeito tem com o seu inconsciente tomando como base

a percepção do exterior que o cerca. Em outras palavras, o processamento simbólico da situação oferece subsídios para a atuação dos mecanismos do inconsciente (um deles, a metáfora) e, conseqüentemente, possibilita condições de esses mecanismos operarem no processo de ressignificação do objeto; no caso analisado, o metafórico.

Assim sendo, esse significante simbólico que aciona o sentimento de medo adentra esse contexto quando há o estímulo, em harmonia com Freud (2011a, p. 15), ao ‘medo social’ fomentado pelo “[...] cerne da chamada consciência moral”. Essa consciência é acionada quando o ser humano se vê diante de situações perigosas, como, no caso exposto no meme, da infecção pelo vírus, que exige o cuidado de si e dos outros. Esse cuidado de si, além da utilização necessária de utensílios como a máscara e o álcool em gel, é também materializado em outra recomendação plenamente difundida em meio ao contexto pandêmico: o distanciamento social. O meme analisado em sequência destaca profundamente esse fato.

O meme “O espirro de Monalisa” brinca com a simbologia da famosa pintura do artista renascentista Leonardo da Vinci, estabelecendo um jogo entre linguagem não-verbal (paródia da imagem) e verbal (preocupação referente à atual pandemia), que, na confecção da imagem, é comumente chamado de *image macros*³². Retratando a coriza derivada, segundo afirma a clássica personagem neste texto, de uma crise de rinite (simbolizada pelo uso de papéis higiênicos para assoar o nariz), esse meme estabelece uma interface com a atual pandemia da COVID-19 pelo fato de expor o risco de infecção e proliferação do vírus em espaços públicos, de modo a demonstrar a preocupação das demais pessoas com quaisquer sinais de sintomas revelados por outros indivíduos, observemos:

³² Segundo Milner (2020), é um meme caracterizado pela sobreposição de texto e imagem.

Meme 3: O espirro de Monalisa



Fonte em: <https://www.museudememes.com.br/quando-o-viral-vira-meme-a-propagacao-do-coronavirus-na-internet/>

Diante da grave crise pandêmica na qual enfrentamos, o imaginário coletivo da população mundial é constantemente bombardeado por informações preocupantes sobre a SARS-CoV-2, como o constante aumento diário nos números de infecção e morte. Ademais, as constantes descobertas de variantes (nomeadas, na ciência, de ‘cepas’) originadas desse vírus preocupam as autoridades sanitárias ao redor do planeta. Atualmente, existem três linhagens recém descobertas por cientistas, nas quais, em todas, verificam-se um maior potencial de transmissibilidade³³. Tendo em vista esse contexto, medidas protetivas como o isolamento e o distanciamento sociais surgem como imprescindíveis para a manutenção da saúde pública e a diminuição dos dados catastróficos causados pela COVID-19.

Nesse sentido, a inferência “Sintoma é Coronavírus” estrutura a metáfora expressa por esse meme ao investir no humor por meio da sátira do clássico quadro de Da Vinci como elemento símbolo da preocupação com a pandemia. A afirmação final da personagem ao dizer “Não é Coronavírus” surge como um contraponto a sua situação de rinite, pois qualquer sintoma similar à COVID-19 evidenciado por determinada pessoa é, hoje, inevitavelmente, interpretado no imaginário da população como sintomático pela SARS-CoV-2.

³³ Informações disponíveis em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2021-01/comite-de-emergencia-da-oms-analisa-variantes-do-novo-coronavirus> Acesso em 17 jan. 2021.

À vista disso, Lakoff e Johnson (2002, p. 47-48, grifo dos autores), tratando da metáfora como reguladora da vida cotidiana, afirmam que “*a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*”. Em outras palavras, a natureza metafórica consiste no fato de apreendermos determinada situação conforme o significado que lhe atribuímos, este, por seu turno, baseado em nosso repertório sociocultural, a experiência. Assim, de modo a categorizar o conceito metafórico expressado por esse meme, o classificamos, em consonância com Lakoff e Johnson (2002), como metáfora estrutural, levando em conta a expansão do sentido atribuído à infecção pelo novo Coronavírus, que abrange de simples rinite ao processo infectocontagioso da COVID-19.

O desenvolvimento da significação conduzida por esse meme entra em consonância com o que Ricoeur (2014) denomina como *instância predicativa da metáfora*, a qual significa a modalização conforme o contexto discursivo no qual esse tropo está inserido, tornando-o, por esse motivo, um domínio ‘vivo’ no discurso. Isto é, um simples espirro ou o assoar de nariz adquire diversas conotações de acordo com o cenário em que ocorre; no caso da COVID-19, está diretamente relacionado ao vírus causador da pandemia.

Diante disso, o significante simbólico emerge nesse texto como um reflexo da inscrição do sujeito na linguagem, apresentado pela “[...] constância de uma relação de discordância ou de negatividade, por meio da qual o sujeito se posiciona e se mostra ali mesmo onde se esconde e resiste a dizer” (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 136). Ou seja, inferimos que o modo como o interlocutor recebe determinada reação, como a exposta por Monalisa nesse meme, revela a tensão existente em decorrência do medo de ser infectado, fazendo da sátira humorística uma válvula de escape dessa inquietação que aflige a humanidade.

De modo a corroborar o exposto, Lacan (2005, p. 42-43), discorrendo a respeito dos campos de significação entre sujeito e universo, reitera que “todas as coisas do mundo vêm colocar-se em cena segundo as leis do significante, leis que de modo algum podemos tomar de imediato como homogêneas às do mundo”. Assim, o significante, por meio do mecanismo metafórico, manifesta a pluralidade de significações que o sujeito intercepta do exterior e ressignifica a seu contexto interior, desvelando, dessa maneira, seus atos, ações e sentimentos.

Dessa forma, o sentimento de medo irrompe nesse meme ao estabelecer um diálogo entre proliferação, risco de infecção e morte. De forma a validar essa assertiva,

Freud (2011b, p. 56), desenvolvendo as teorias sobre o Eu, Super-Eu e Id, analisa que o medo da morte se apresenta sob um duplo viés: “[...] como reação a um perigo externo e como processo interno, na melancolia, por exemplo”. No caso do “Espírito de Monalisa”, é expressado como reação externa ao processo infectocontagioso do Coronavírus. A infecção pela SARS-COV-2 é um motivo de preocupação mundial, principalmente quando o infectado faz parte do grupo de risco da COVID-19, como é o caso dos idosos, como se observará no meme subsequente.

A história em quadrinho (posteriormente, série e filme) norte-americana “Batman e Robin” marcou época no final dos anos de 1990 e primeira metade dos anos 2000. Nele, o herói principal, Batman, e seu ajudante, Robin, trabalham juntos para defender a cidade local, Gotham City, dos perigos que constantemente assolam a região. Neste meme, a paródia estabelecida faz referência à uma das reações mais identificadas nesses tempos de pandemia: a inconsequência. Ao reafirmar sua juventude como principal sinal de defesa contra o vírus, Robin não atenta ao fato de que no covil secreto dos heróis há uma pessoa do grupo de risco: o idoso Alfred, experiente mordomo do Batman:

Meme 4: Batman e Robin, em O Coronavírus



Fonte: <https://www.museudememes.com.br/quando-o-viral-vira-meme-a-propagacao-do-coronavirus-na-internet/>

De acordo com a lei nº 10.741, promulgada no Brasil em 1ª de outubro de 2003, são considerados idosos os cidadãos com idade igual ou superior a 60 anos. Por possuírem uma imunidade metabólica diminuída em decorrência do envelhecimento, este grupo de pessoas fica mais suscetível à infecção por Coronavírus, fazendo,

então, parte do grupo de risco da atual pandemia. Para tanto, a faixa etária de óbitos por COVID-19 compreendem, em idosos, uma parcela acima de 50% ao redor do globo, beirando os 70% no Brasil³⁴.

Nesse *meme*, o dizer do personagem Robin reflete a inconsequência de boa parte dos jovens no que diz respeito ao discurso propagado ao longo dos séculos relativo à juventude como sinal de imunidade e resistência contra qualquer tipo de enfermidade. Diante da atual pandemia, muitos acreditam nessa máxima, desrespeitam as recomendações das autoridades de saúde e põe em risco, não só a própria vida (como foi identificado a possibilidade de maior contágio entre crianças de adolescentes pelas novas cepas da SARS-CoV-2³⁵), mas a de seus próximos, principalmente àqueles do grupo de risco, a exemplo de parentes portadores de doenças crônicas e idosos.

Em consequência, o jovem possivelmente infectado atuará como vetor principal do *Coronavírus*, podendo infectar, desse modo, pessoas do grupo de risco que convivem consigo e cumprem o isolamento social. Logo, o ciclo de transmissão da COVID-19 não cessa, causando o aumento progressivo no número de infectados e mortos entre, principalmente, as pessoas de mais idade. Da resposta sensata do Batman, depreende-se a utilização de uma metáfora ontológica, visto que, conforme definem Lakoff e Johnson (2002, p. 83), orientam a compreensão de “[...] eventos, ações, atividades e estados”.

Em “você vai matar o Alfred, sua besta!”, muito além do tom humorístico da resposta e da reação do herói, há um evidente alerta para aqueles jovens que ainda continuam apoderando-se do discurso alienante “juventude é saúde”, de modo a orientá-los do risco em levar para dentro de suas casas um vírus que se mostrou capaz de desarticular famílias inteiras.

Nessa perspectiva, o significante simbólico acionado por esse *meme*, levando em consideração, como bem postula Lacan (2008), a constituição do sujeito pelo significante, é expressado por meio da fala dos personagens “[...] na medida em que ela confere um sentido às funções do indivíduo [...]” (LACAN, 1998, p. 259). Esse sentido, na indagação de Robin e na resposta imediata do Batman, é baseado no

³⁴ Informações disponíveis em: <https://www.poder360.com.br/coronavirus/pandemia-volta-a-ter-mais-mortes-mas-faixa-etaria-da-letalidade-se-mantem/> Acesso em: 18 jan. 2021.

³⁵ Informações disponíveis em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/01/01/nova-cepa-esta-disseminando-mais-em-jovens-com-menos-de-20-anos-diz-medico> Acesso em: 18 jan. 2021.

estímulo ao isolamento social e às medidas protetivas de distanciamento social contra a proliferação da SARS-CoV-2.

Assim sendo, é possível perceber o sentimento de medo nesse contexto exposto pelo meme quando o Coronavírus é associado a preocupações “[...] com a energia e os sentimentos, bem como o medo das devastações que elas trazem” (SONTAG, 1984, p. 40). Quer dizer, a jovialidade e vivacidade do jovem, representando a energia, não podem ser sinônimos de proteção total, quando, perto dele, existem aqueles que não são capazes de resistir firmemente às consequências da COVID-19. Tendo em vista esse cenário de inconsequências e constantes descumprimentos das medidas protetivas impostas por diversos órgãos governamentais e de saúde, muitos memes são produzidos com o intuito de ironizar (entendido, no próximo recorte, como mecanismo de defesa) a própria “desgraça” da população que brinca com essa tensa situação que vivenciamos, como o exposto no meme em sequência.

O quinto meme analisado na monografia, nomeado de “Eu sou uma piada pra você?”, é um dos mais compartilhados na internet mundial e, principalmente, brasileira. Nele, vemos um recorte do semblante triste/indignado de uma pessoa, com a legenda intitulada “Eu sou uma piada para você?” (“Am I joke to you?”, em inglês), a qual demonstra um apelo feito pelo locutor para levá-lo a sério em determinada situação. O protagonista dessa figura é o ator sul-africano Rapulana Seiphemo, o qual encenou a novela intitulada “Generations – the legacy”, que durou vinte temporadas. Traído pela mulher, o personagem interpretado por Seiphemo sente-se indignado pela insensibilidade da ex-esposa, questionando-a sobre a valorização dele perante ela.

Na paródia realizada pelo meme subsequente, mais uma vez utilizando as *images macros*, o semblante e o dizer do personagem são recortados na imagem ilustrativa do Coronavírus, de modo a simbolizar a presença dele, da pandemia e de seus desdobramentos como algo que devem, igualmente, ser levados a sério:

Meme 5: Coronavírus: "- Eu sou uma piada pra vocês? -"



fonte: em: <https://www.museudememes.com.br/quando-o-viral-vira-meme-a-propagacao-do-coronavirus-na-internet/>

Diversos são os casos de desrespeito às medidas protetivas de isolamento social, em especial no Brasil. Mesmo diante dos números assustadores causados pela pandemia, muitas pessoas descumprem as regulamentações sanitárias vigentes no atual cenário mundial, formando aglomerações em espaços públicos e, na maioria deles, não praticando o distanciamento social, nem muito menos fazendo uso de utensílios primordiais como a máscara facial e o álcool em gel³⁶.

Diante dessa demonstração de desrespeito para com a própria vida e a do próximo, o meme “Eu sou uma piada pra vocês?” desponta como símbolo da negligência proporcionada por pessoas que insistem em negar a existência da SARS-CoV-2 e descumprirem as ações imprescindíveis para o combate ao Coronavírus. O número recorde de mortes e a aceleração exponencial de infectados não parecem ser o bastante para convencer os negacionistas da pandemia sobre a gravidade desta.

À vista disso, a metáfora acionada por esse meme parte da premissa “O Coronavírus é sério”, caracterizando-se, pois, como uma metáfora orientacional, uma vez que fornece, por meio do sentido espacial (semblante indignado do personagem seguido da legenda), um direcionamento “[...] para a compreensão de um conceito apenas em função de sua base experiencial” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 66). Ou seja, a partir do questionamento elencado pelo intérprete – “eu sou uma piada pra vocês?” chega-se à conclusão, proporcionado pela experiência daqueles que atentam

³⁶ Informações disponíveis em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/01/01/desrespeito-ao-isolamento-e-pior-do-que-mutacao-do-virus-diz-medico> Acesso em 19 jan. 2021.

aos graves números da COVID-19, da seriedade com a qual a pandemia deve ser reconhecida.

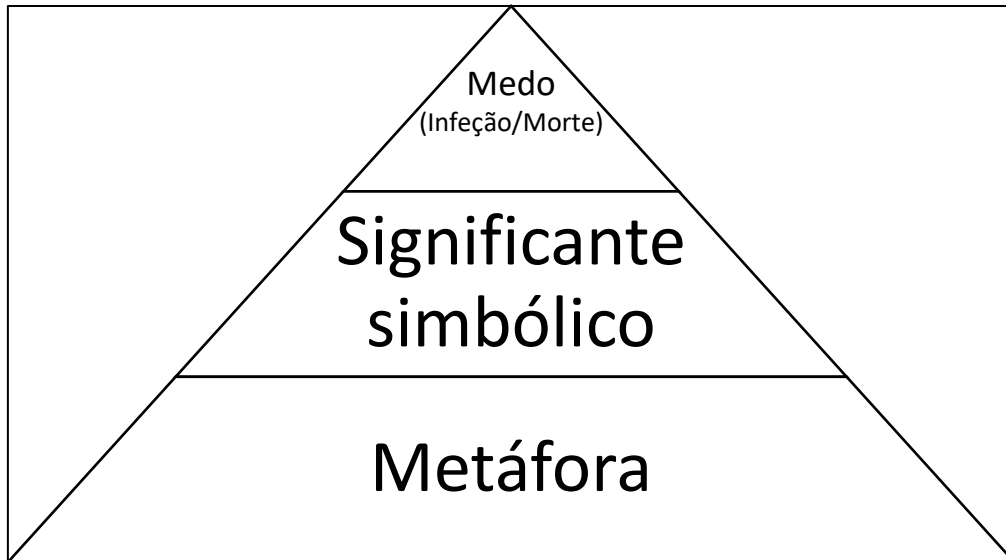
De modo a validar essa afirmação, Ricoeur (2014, p. 319), ao estudar sobre a relação entre ícone e imagem na constituição desse tropo discursivo, conclui que “[...] a teoria da metáfora parece fornecer a ocasião exemplar para que se reconheça sua fronteira comum [...] um momento *verbal* e um momento *não verbal*, e a essa ligação a metáfora deve a concretude que parece pertence-lhe por essência”. Quer dizer, ao confluir as linguagens verbal e não verbal no momento discursivo ao qual é acionado, a metáfora explora as significações existentes entre esses dois modelos de expressão de forma a legitimar os posicionamentos apresentados.

Logo, com o objetivo de ratificar essa representação, o significante simbólico é mobilizado, consoante Lacan (1998, p. 503), apresentando apontamentos sobre a instância da letra no inconsciente, de maneira a colocar “[...] a questão de seu lugar na realidade”. Isto é, como principal dispositivo de acesso ao inconsciente, o significante emerge como representante da função do imaginário e sua relação com o real por meio do símbolo acionado pelo mecanismo metafórico, que, por sua vez, permite uma (re)significação da realidade do sujeito enunciador.

Logo, o sentimento de medo é processado nesse meme, conforme observa Sontag (1984, p. 38), discorrendo sobre as noções punitivas causadas por algumas doenças ao longo da história da humanidade, como “[...] sobrecarregada de significação. Primeiro, os objetos do medo mais profundo [...] são identificados com a doença. A própria doença torna-se uma metáfora. [...] A doença passa a adjetivar”. No caso do Coronavírus, os objetos do medo são comumente ligados à invalidez, sequelas e morte pelo vírus. Dessa forma, esses objetos passam a conotar de maneira intrínseca à imagem quando há o relato da incosequência gerada pelo desrespeito às normas sanitária ao combate à COVID-19.

Diante do exposto, entendemos que o significante simbólico mobilizado por cada metáfora expressa por esses cinco memes desenvolve-se conforme as correspondências que eles estabelecem com os momentos de maior crise na pandemia no Brasil, como o constante flagrante de desrespeito às normas sanitárias vigentes e a conseqüente explosão no número de infectados e mortes diários. A seguir, sintetizaremos um quadro com os desdobramentos do significante simbólico acionado pela figura metafórica:

Quadro 05 – A metáfora do medo em memes sobre o Coronavírus



Fonte: Elaboração nossa.

A metáfora, como base estrutural de nossa compreensão conceitual do cotidiano, aciona constantemente significantes simbólicos decorrentes dos efeitos que a esse mesmo significante, conforme vimos na psicanálise lacaniana, são inerentes. Um desses efeitos, de acordo com as implicações propostas por este trabalho monográfico, se coaduna no sentimento de medo, estimulado pelo perigo externo representado pelo Coronavírus e suas consequências, impelido pelo temor da infecção e da morte, seja a do próprio indivíduo, seja a do próximo ou familiares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos do estudo da Linguagem podem ser trilhados de diferentes maneiras, porém, sempre levando em consideração a língua em sua manifestação concreta pelo sujeito. É por meio dessa manifestação que a Linguística se insere como ciência e permite estabelecer importantes interfaces com outras áreas do conhecimento, a exemplo da Psicanálise.

Com isso em vista, estabelecemos como principal objetivo deste trabalho investigar como a Linguística e a Psicanálise estabelecem uma interface entre suas teorias. Para tanto, vimos no segundo capítulo que o estudo do sistema de signos, elaborado por Ferdinand de Saussure, foi de suma importância para a evolução e estabelecimento definitivo da Linguística como ciência. Estudos posteriores ao CLG - mas sempre tomando como base a obra compilada pelos discípulos do mestre genebrino - procuraram preencher determinadas lacunas que o pesquisador suíço não abordou com tanta ênfase ao longo de seus pensamentos, como a questão do símbolo.

Com a evolução gradativa dos estudos linguísticos proporcionada por pesquisadores pós-saussureanos (como bem apontamos ao longo da pesquisa), o escopo teórico desta área se viu apropriada por outro emergente domínio científico inaugurado no mesmo período dos estudos saussureanos: a Psicanálise. O psiquiatra tcheco Sigmund Freud, renegando as tradicionais práticas para o tratamento de distúrbios da mente, utilizou a linguagem e seu inerente processo simbólico com o intuito de investigar - muito além dos simples processos psicossomáticos expressados pelo paciente - a causa primordial desses transtornos. Através da técnica denominada de *talking cure*, Freud inaugura a ciência do inconsciente por meio do estudo pormenorizado concedido ao sonho.

Essa nova ciência veria seu auge com as pesquisas de um dos discípulos freudianos: Jaques Lacan. O psicanalista francês - assim como os linguistas pós-saussureanos o fizeram com as ideias do mestre genebrino - reorientou as ideias freudianas, preenchendo lacunas que o psicanalista tcheco havia deixado em sua teoria, como a estruturação do processo simbólico do sonho. Essa estruturação elaborada por Lacan tomaria o signo saussureano como cerne do ato analítico.

Os desdobramentos proporcionados por essa confluência entre estudos linguísticos e psicanalíticos encontraram no signo linguístico seu principal ponto de

contato e abrangência. Análises como as proporcionadas por Jean-Claude Milner, Maurício Eugênio Maliska, Valdir Flores e Michel Arrivé, utilizadas neste trabalho, são algumas das quais abordam a relação existente entre essas duas esferas científicas. Em todas elas, como podemos inferir, o signo linguístico é tomado como mote para estruturar a teoria da *lalíngua*, abordada inicialmente por Jaques Lacan e aprofundada em estudos posteriores a ele. A *lalíngua*, pois, representa os limites, conhecidos como “bordas do real”, propiciados pelo signo, que a ciência linguística ainda não conseguiu transcender, sendo preciso recorrer à Psicanálise para tentar compreender o âmbito simbolizado pelo inconsciente

Partindo desse pressuposto, como primeiro objetivo específico trabalhado, relacionamos a noção de signo linguístico sob as perspectivas das duas supracitadas áreas do conhecimento, relacionando-as ao fenômeno da metáfora, e concluímos que o signo distancia-se das perspectivas restritas ao objeto denotado, no que diz respeito à linguística saussureana, e passa a equivaler, para a psicanálise lacaniana, ao processo de significação amplo decorrente da experiência interna do sujeito.

A partir da primazia concedida ao significante, Jaques Lacan direcionou a Psicanálise em seu viés expressado por meio da linguagem. O *inconsciente é estruturado como uma linguagem* pelo fato de conduzir o olhar analítico sobre o sujeito mediante a perspectiva que este expressa ao fazer uso da linguagem. Linguagem esta, como vimos no decorrer da pesquisa, que é permeada por vias simbólicas, as quais são capazes de categorizar o objeto por meio dos efeitos possibilitados pelo significante acionado pelo sujeito discursivo.

Exploramos no terceiro capítulo essa interlocução entre Linguística e Psicanálise possibilitada pela análise do signo linguístico, que nos levou a investigar um dos meios pelos quais assomam essa relação: o estudo da metáfora. Saindo do conceito meramente ornamental e categórico, derivado da retórica aristotélica, essa figura do discurso emerge como vínculo decisivo entre as teorias linguísticas e psicanalíticas expostas até aqui.

Como segundo objetivo específico discorrido, verificamos como se dá a construção da metáfora do medo nos memes escolhidos para a análise. Partindo da metáfora como um dos efeitos do significante, encontramos no exemplo do Nome-do-Pai, analisado por Jaques Lacan, importantes subsídios para sustentar essa teoria. Segundo o psicanalista francês, o modo como o significante é apreendido pelo sujeito revela a intensidade com a qual o objeto causador do falo simbólico pode ser

expressado, seja consciente, seja inconscientemente. Essa via de expressão se dá seja pela substituição (metáfora), seja pela permuta (metonímia), do significante simbólico na cadeia de significação.

Isso posto, executamos o último objetivo específico elencado por nós nesta monografia: explicitamos de que maneira o sentimento de medo é utilizado como recurso constitutivo da metáfora nos memes, caracterizado, principalmente, pelo uso de metáforas visuais e verbais, que ora orientam nossa conceptualização comum, ora estruturam nossa percepção do ato, de diversas formas, desde o medo da infecção, ao perigo de internação, seja a própria, seja a do familiar ou próximo.

Esse processo de reação do sujeito ao significante acionado nos fez relacionar diretamente a teoria psicanalítica da metáfora às metáforas da vida cotidiana, trabalhada por George Lakoff e Mark Johnson. Segundo os pesquisadores, a metáfora, como principal orientadora conceitual do nosso sistema de compreensão, é capaz de internalizar e ressignificar a visão que temos sobre determinado assunto, e, assim, extrair dele conceitos que nos ajudam a melhor apreender os significados postos no dia a dia

Alguns desses significados que defrontamos constantemente na nossa rotina podem aludir ao sentimento de medo. Este, como vimos, representa a reação do ser humano ao se deparar com determinado perigo externo. A pandemia do novo Coronavírus fez intensificar esse sentimento na humanidade pela razão de causar o alerta na sociedade mundial no que diz respeito aos números catastróficos provocados pelo vírus da COVID-19.

O comportamento diante da quantidade trágica de vítimas do Coronavírus pode ser simbolizado por intermédio do meme, gênero esse que representa diretamente a construção de narrativas oriundas de determinados nichos enunciativos. Tomando como base os estudos organizados por Viktor Chagas, entendemos que esse ascendente gênero textual é capaz de reunir diversas metáforas mobilizadas pela comunidade discursiva, sendo um importante “termômetro” na medida dos sentimentos acionados por cada um desses textos, principalmente no atual período pandêmico.

Entendemos, portanto, que esse trabalho poderá acrescentar, aos atuais estudos da linguagem, contributos sobre a compreensão e a construção de sentidos dos textos, especificamente, do meme, aliando ideários, com base na concepção do

signo linguístico oriundo da Linguística e da Psicanálise, que se materializam na metáfora do medo.

Tendo em vista as limitações inerentes a um trabalho monográfico, a quantidade do *corpus* escolhido teve de ser diminuta. Dessa forma, sob os vieses teórico, metodológico e analítico propostos nesta investigação, acreditamos que alguns subsídios para os estudos metafóricos, sobretudo, poderão emergir desta pesquisa posteriormente, como as concepções de metáfora para a Linguística, a relação intrínseca existente entre metáfora e metonímia, e a análise do significante simbólico por via de outro gênero textual.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João José Rodrigues Lima de. **A compulsão à linguagem na Psicanálise**: teoria lacaniana e psicanálise pragmática. 2004. Tese (Doutorado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2004.
- AMOÊDO, Rafael Seixas de.; SOARES, Neiva Maria Machado. Transformações discursivas no contexto digital: análise multissemiótica do gênero meme. **Percursos Linguísticos** (UFES), Vitória-ES, v. 8, n. 18, p. 130-152, 2018.
- ARISTÓTELES. **Arte poética**. Tradução Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise**: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e os outros. Tradução Mário Laranjeira e Alain Mouzat. São Paulo, SP: Edusp, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail (Volochnikov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**. Tradução Eduardo Guimarães *et al.* Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BOTTA, Mariana Giacomini.; GUERRA, Cristiane. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. **Domínios de linguagem**, Uberlândia-MG, v. 12, n. 3, p. 1859-1877, jul./set., 2017.
- CANI, Josiane Brunetti. Multimodalidade e efeitos de sentido no gênero meme. **Periferia**, Duque de Caxias-RJ, v. 11, n. 2, p. 242-267, mai./ago. 2019.
- CARVALHO, Alexandre Tolentino de. Memetáfora: análise do papel das metáforas meméticas na luta de classe. **Revista Discursos Contemporâneos em Estudo**. v. 3, p. 167-196, 2018.
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**: fundamentos e visão crítica. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- CARVALHO, Mario. *et al.* Metáforas de um vírus: reflexões sobre a subjetivação pandêmica. **Psicologia & Sociedade** (online). v. 32, p. 1-15, 2020.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos estudos sobre memes: uma revisão da literatura concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976-2019). *In*: CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador, BA: EDUFBA, 2020. p. 23-78.

COSTA, Walison Paulino de Araújo. **Linguística e Psicanálise: uma discussão sobre o sujeito na linguagem**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

CUNHA, Celso. **Gramática essencial**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

DAVISON, Patrick. A linguagem dos memes de internet (dez anos depois). Tradução Viktor Chagas. *In*: CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador, BA: EDUFBA, 2020. p. 139-156.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. A metáfora e seu contexto cultural. *In*: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. (Org.). **Metáforas do cotidiano**. Belo Horizonte, MG: Ed. do Autor, 1998.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. Tradução Maria Lúcia Machado e Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOR, Joël. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Tradução Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; MILÁN-RAMOS, José Guillermo; PAULON, Clarice Pimentel. **Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas**. 2. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

FONSECA, Ailton Siqueira de Sousa. Hora de dar um tempo para si: o recolhimento em tempos de pandemia. **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 19, n. 55, abr. 2020.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos (1900)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias à Psicanálise (1916-1917)**. Tradução Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930-1936)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FLORES, Valdir. **Linguística e Psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Memes on-line, afinidades e produção cultural (2007-2018). Tradução Viktor Chagas. *In*: CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador, BA: EDUFBA, 2020. p. 85-126.

LACAN, Jacques. Para-além do “Princípio de realidade”. *In*: _____. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 77-95.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise. *In*: _____. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

LACAN, Jacques. Situação da Psicanálise e formação do psicanalista em 1956. *In*: _____. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 461-495.

LACAN, Jacques. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *In*: _____. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 496-533.

LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. *In*: _____. **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 807-842.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Tradução M.D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACET, Cristine C. Considerações sobre a letra e a escrita na clínica psicanalítica. **Estilos da Clínica** (USP), São Paulo, v. VIII, n. 14, p. 50-59, 2003.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução Vera Maluf. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LAMEIRA, Valéria Maia. A noção de objeto e o significante. **Pesquisa em Foco** (UEMA), v. 17, p. 1-11, 2009.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 55. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2019.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MALISKA, Maurício Eugênio. **Entre Linguística e Psicanálise: o real como causalidade da língua em Saussure**. 2. ed. Curitiba, PR: Juruá, 2010.

MILNER, Jean-Claude. **O amor da língua**. Tradução Paulo Sérgio de Souza Júnior. Campinas, SP: Unicamp, 2012.

MILNER, Ryan. M. Polivocalidade pop: memes de internet, participação pública e o movimento Occupy Wall Street. Tradução Allan Santos. *In*: CHAGAS, Viktor (Org.). **A cultura dos memes: aspectos sociológicos e dimensões políticas de um fenômeno do mundo digital**. Salvador, BA: EDUFBA, 2020. p. 179-220.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Tradução Dion Davi Macedo. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

ROCHA, Ina Mirely Oliveira da. **Uma partida de xadrez com Saussure e Lacan: uma análise da relação entre sujeito e linguagem**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAYEG-SIQUEIRA, João Hilton. A arte de enunciar o medo. *In*: FERREIRA, Luiz Antonio; FIGUEREDO, Maria Flávia; MAGALHÃES, Ana Lúcia (Orgs.). **Retórica do medo**. 2. ed. São Paulo: ERA, 2015. p. 169-175.

SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Tradução Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

VICENZI, Eduardo. Psicanálise e linguística estrutural: as relações entre as concepções de linguagem e de significação de Saussure e Lacan. **Ágora** (PPGTP/UFRJ), v. 12, n.1, jan./jun. 2009, p. 27-40.